

Evolução Do Trabalho **Na Agricultura Em Portugal**



Estrutura

Nota Introdutória

Definições e Fontes de Informação

Sumário Executivo

Peso do Trabalho na Agricultura Portuguesa

11 Descida do Peso do Trabalho Agrícola na Europa

12 Mais Valor Gerado Pelo Trabalho Agrícola

13 Mais Emprego Organizado Para a Agricultura

14 Desigualdades Territoriais na Agricultura

15 Agricultura em Transição

16 Caso de Estudo: Nutrifarms

Quem São os Trabalhadores da Agricultura?

18 Mudança Demográfica no Trabalho Agrícola

19 Qualificações na Agricultura

20 Caso de Estudo: Job & Talent

21 Necessidade de Trabalhadores Estrangeiros

22 Dependência de Mão-de-Obra Estrangeira

23 Imigrantes Superam em Escolaridade

24 Trabalho Estrangeiro Onde a Agricultura Precisa

25 Fluxos Migratórios Asiáticos

26 Caso de Estudo: The Summer Berry Company

Condições de Trabalho na Agricultura

28 Da Mão-de-Obra Familiar à Profissionalização

29 Declínio Familiar e Ascensão Assalariada

30 Salários Agrícolas Valorizam 50%

32 Rendimentos Agrícolas: Baixa Valorização

34 Ganho Médio Sobe Com Mais Qualificações

35 Horas de Trabalho Agrícolas Estabilizam

36 Acidentes de Trabalho na Agricultura

38 Acidentes: Baixa Incidência e Alta Letalidade

39 Caso de Estudo: CAP

40 Caso de Estudo: CONFAGRI

Produtividade do Trabalho

42 A Agricultura Cresce Com Menos Trabalho

43 Agricultura Produz Mais Com Menos

44 Assimetrias e Especialização Setorial

45 Mecanização Reduz Necessidade de Trabalho

46 Caso de Estudo: Veracruz

Principais Conclusões

Tendências Futuras

Recomendações

Nota Introdutória

A agricultura portuguesa vive uma transformação estrutural profunda. As mudanças tecnológicas e produtivas têm provocado alterações profundas no setor, que ficam bastante evidentes se olharmos para várias dimensões do trabalho agrícola, nomeadamente nas mudanças do tipo de trabalhadores, nas suas qualificações ou no impacto económico e social que é gerado. É neste contexto que a CONSULAI apresenta este relatório dedicado à evolução do trabalho na agricultura a nível nacional.

Neste trabalho fica retratada uma agricultura mais produtiva e profissionalizada, mas também mais dependente de novas competências, de políticas públicas adequadas e de uma maior integração social do trabalho agrícola. Com este relatório, a CONSULAI reafirma o seu papel enquanto parceiro estratégico do setor e enquanto agente ativo na promoção de um debate informado sobre o futuro da agricultura e do mundo rural a nível nacional.

Este estudo é publicado num momento particularmente simbólico por estarmos a assinalar os nossos primeiros vinte e cinco anos de atividade ao serviço do agribusiness. Ao longo deste percurso, temos procurado conjugar uma visão prática com a produção de conhecimento rigoroso, capaz de apoiar decisões estratégicas e contribuir para um debate informado sobre temas relevantes para o setor e para a sociedade.

Ao analisarmos de forma estruturada a evolução do trabalho na agricultura, esperamos contribuir para aproximar a produção da sociedade, tornando mais visíveis as pessoas, as competências e os desafios que sustentam a produção alimentar. Este objetivo é, aliás, um dos grandes desígnios da iniciativa B-Rural, coordenada pela CONSULAI, que procura reduzir a distância entre quem produz e quem consome.

Trata-se do primeiro de uma série de relatórios que a CONSULAI pretende desenvolver nos próximos meses, e anos, com o objetivo de acompanhar, de forma consistente, as grandes transformações da agricultura portuguesa. Este compromisso reflete a nossa aposta na criação de conhecimento, sustentado em dados oficiais, e de reflexão crítica da realidade.

Importa igualmente destacar o papel da Área de Research da CONSULAI, determinante para aprofundar a análise económica e social do setor, cruzar fontes estatísticas e transformar dados complexos em informação acessível, útil e relevante para decisores, profissionais e para o público em geral.

Espero que gostem!

Pedro Santos

Diretor-Geral CONSULAI



Definições e Fontes de Informação

Definições

Atividade Económica

Resultado da combinação dos fatores produtivos, como mão de obra, matérias-primas ou equipamentos, com vista à produção de bens e serviços. Independentemente dos fatores produtivos que integram o bem ou serviço produzido, toda a atividade pressupõe, em termos genéricos, uma entrada de produtos, um processo de incorporação de valor acrescentado e uma saída de bens ou serviços.

Pessoal ao Serviço das Empresas

Compreende todos os indivíduos que participam na atividade da empresa, quer sejam remunerados com contrato direto, trabalhadores não remunerados, como sócios-gerentes e familiares, ou pessoal de fora pago diretamente pela empresa. Incluem-se também os ausentes por período igual ou inferior a um mês, por motivo de férias, doença ou formação. Excluem-se os ausentes há mais de um mês, trabalhadores cedidos a outras entidades, trabalhadores temporários pagos por agências e prestadores de serviços independentes.

Volume de Mão-de-Obra (UTA)

Unidade de medida equivalente ao trabalho de uma pessoa a tempo completo realizado num ano medido em horas. Ou seja, uma unidade equivale a uma pessoa que trabalhe duzentos e quarenta dias por ano, oito horas por dia.

Remuneração

Montante ilíquido, em dinheiro ou géneros, pago pelo trabalho normal, incluindo salário base, subsídio de refeição, prémios e subsídios de carácter mensal. Para garantir a comparabilidade, o valor é normalizado para um mês completo, abrangendo também trabalhadores ausentes por período igual ou inferior a um mês, por motivo de férias, doença ou formação.

Ganho Médio

Montante ilíquido em dinheiro ou géneros pago ao trabalhador com carácter regular, durante o período de referência, por tempo trabalhado ou trabalho fornecido no período normal e extraordinário, incluindo o pagamento de horas remuneradas, mas não efetuadas, como férias, feriados e outras ausências pagas.

Valor Acrescentado Bruto (VAB)

O valor acrescentado bruto é o valor bruto da produção deduzido do custo das matérias-primas e de outros consumos no processo produtivo.

Acidente de Trabalho

Acidente que se verifique no local e no tempo de trabalho e produza direta ou indiretamente lesão corporal, perturbação funcional ou doença de que resulte redução da capacidade de trabalho ou a morte. Não estão incluídos os acidentes de trajeto.

Produtividade Aparente do Trabalho

Contribuição do fator trabalho utilizado pela empresa, medida pelo valor acrescentado bruto gerado por cada unidade de pessoal ao serviço.

Fontes de Informação

Instituto Nacional de Estatística **Contas Integradas das Empresas**

Integração de fontes administrativas exaustivas, como a Informação Empresarial Simplificada (IES), a Autoridade Tributária e a Segurança Social, complementadas por inquéritos diretos (WEBINQ) para variáveis específicas. O INE cruza e harmoniza estes dados sob o referencial do SEC 2010, permitindo uma análise estatística do desempenho económico e do volume de emprego de todas as unidades produtivas a nível nacional.

GEP Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social **Quadros de Pessoal**

Apurados através do preenchimento obrigatório do Relatório Único pelas entidades empregadoras, sendo centralizados e tratados pelo GEP do MTSSS. Esta recolha administrativa anual permite caracterizar de forma exaustiva as unidades produtivas e os seus trabalhadores, focando-se na estrutura do emprego, vínculos contratuais e remunerações no setor privado.

Instituto Nacional de Estatística **Contas Nacionais**

Assenta na recolha e harmonização de dados provenientes de fontes administrativas, como registos fiscais e da segurança social, inquéritos estatísticos e dados contabilísticos das empresas. O INE processa estas informações através de um sistema de equilíbrios de fluxos e stocks, convertendo os dados primários em conceitos económicos normalizados para garantir a comparabilidade internacional da produção, rendimento e emprego.

Banco de Portugal **Fórum da Economia 2024**

Resultam da síntese e tratamento de indicadores conjunturais provenientes de fontes oficiais, como o INE, Banco de Portugal ou Segurança Social, agregados em séries temporais. A metodologia foca-se na sistematização de variáveis macroeconómicas e setoriais para monitorizar tendências de emprego, investimento e competitividade, permitindo uma análise rápida do desempenho atual da economia nacional.

Instituto Nacional de Estatística **Recenseamento Agrícola**

Os dados do Recenseamento Agrícola foram apurados através de uma recolha exaustiva por inquérito direto, através de entrevistas presenciais e online, cruzada com fontes administrativas como o IFAP. O processo de tratamento envolveu a validação rigorosa da consistência dos dados e a correção de não respostas, assegurando uma caracterização precisa da estrutura produtiva, do uso do solo e da mão de obra no setor agrícola.

EUROSTAT **Contas Nacionais**

Dados são apurados através da harmonização de inquéritos ao emprego e registos administrativos nacionais, seguindo as normas do Sistema Europeu de Contas Nacionais e Regionais 2010. O tratamento foca-se na conversão do volume de trabalho em unidades comparáveis, como horas trabalhadas ou equivalentes a tempo completo, garantindo a coerência entre as estatísticas de emprego e os agregados económicos de produção e rendimento para todos os estados-membros.

01 Sumário Executivo

Sumário Executivo

Principais Mudanças e Indicadores-Chave

Aumento de Produtividade

A produtividade do trabalho mais do que dobrou nas últimas três décadas, apesar da redução da mão-de-obra medida em UTA.

Dependência de Mão-de-Obra Estrangeira

Mais de 40 % dos trabalhadores são estrangeiros, desempenhando um papel essencial nas culturas intensivas e na gestão de picos sazonais.

Desafios Salariais e Renovação Geracional

Salários aumentaram, mas ainda são inferiores aos setores urbanos, dificultando atração e retenção de jovens agricultores.

Riscos Laborais e Segurança

Apesar da redução do número de acidentes, a letalidade permanece elevada, devido ao uso de maquinaria pesada e a terrenos irregulares.

Reconfiguração do Trabalho Agrícola

Automação de Tarefas Agrícolas

Máquinas avançadas e robótica colaborativa automatizam colheitas, podas e pulverizações para aumentar a produtividade.

Transformação do Perfil do Agricultor

O agricultor tradicional torna-se operador de sistemas tecnológicos, interpretando dados e calibrando equipamentos digitais.

Terceirização

Explorações agrícolas adotam serviços especializados como drones para monitorização e outsourcing de operações intensivas.

Inteligência Artificial na Agricultura

A inteligência artificial integra dados meteorológicos e sensores para otimizar decisões e prever pragas, melhorando a eficiência agrícola.

Sumário Executivo

Principais Constrangimentos Estruturais

Escassez de Mão-de-Obra Nacional

O envelhecimento da população e a baixa capacidade de atração de jovens geram uma escassez crítica de trabalhadores na agricultura.

Défice de Qualificações Técnicas

A baixa escolaridade limita a adoção de tecnologias modernas e reduz a produtividade, sem compensação através da contenção de custos.

Sustentabilidade Económica e Segurança

A combinação de salários baixos, custos elevados e altos índices de letalidade exige um reforço da segurança e renovação de equipamentos.

Equilíbrio Entre Competitividade e Sustentabilidade

A coordenação de esforços é essencial para garantir o bem-estar laboral e promover a sustentabilidade territorial no setor agrícola.

Acelerar a Produtividade e Competitividade

Modernização Tecnológica

A automação, a digitalização e a adoção de sistemas de rega inteligente contribuem para o aumento da eficiência na agricultura portuguesa.

Reestruturação Laboral

A profissionalização, o planeamento entre fileiras e a integração de trabalhadores estrangeiros contribuem para melhorar a produtividade.

Qualificação Modular

O investimento em competências técnicas e digitais contribui para o aumento da produtividade e sustenta a prática de salários competitivos.

Estratégias Regionais Diferenciadas

As regiões intensivas orientam-se para a especialização em serviços, e as regiões extensivas privilegiam a mecanização e o recurso a dados.

02 Peso do Trabalho na Agricultura Portuguesa

Descida do Peso do Trabalho Agrícola na Europa

Em 2023, verifica-se uma redução generalizada do peso do emprego agrícola em toda a Europa. A União Europeia registou 217,7 milhões de trabalhadores, dos quais 8,43 milhões na agricultura (3,9%).

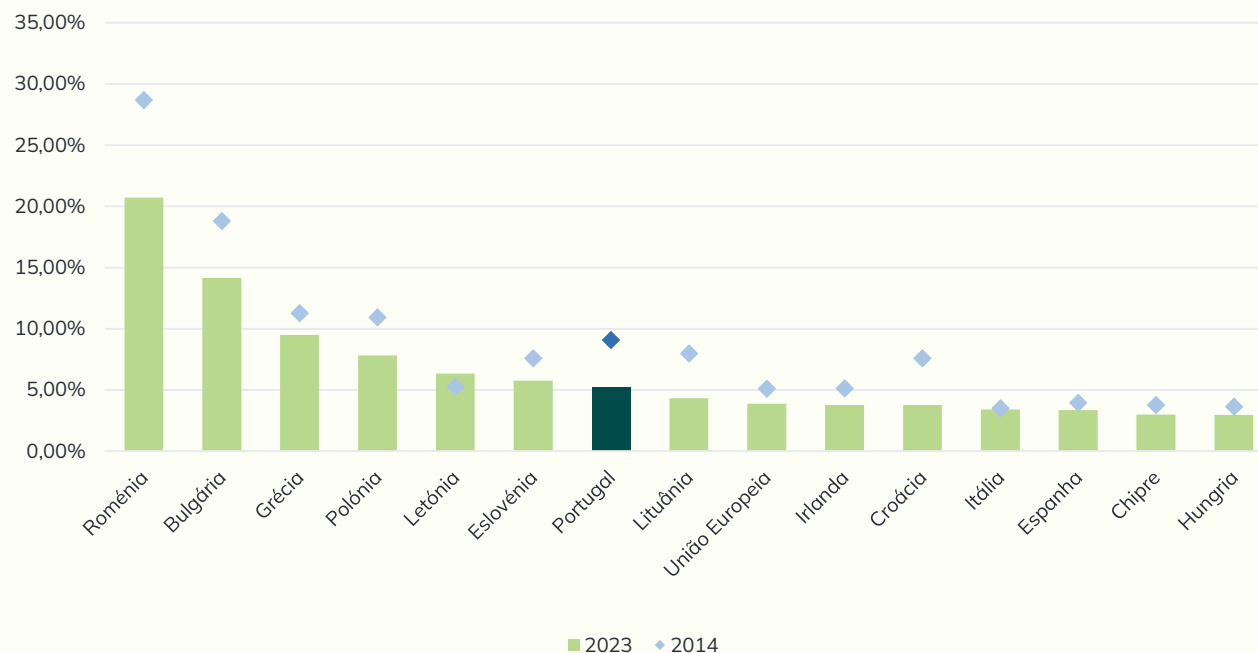
A Roménia apresenta o maior valor absoluto e relativo, com 1,76 milhões de trabalhadores agrícolas em 8,49 milhões (20,7%). A Polónia regista 1,37 milhões em 17,53 milhões (7,8%), seguida da Bulgária, com 490 mil em 3,48 milhões (14,2%), e da Grécia, com 0,49 milhões em 5,14 milhões (9,5%).

Nos países da Europa Ocidental, os valores são bastante inferiores. A Alemanha tem 520 mil trabalhadores agrícolas em 45,94 milhões (1,1%). Os Países Baixos registam 19 mil em 10,17 milhões (1,9%). A França apresenta 660 mil em 30,39 milhões (2,2%), e a Espanha, 720 mil em 21,51 milhões (3,4%).

Portugal segue a tendência europeia de redução do trabalho agrícola, mas com uma queda mais acentuada do que a média da União Europeia. Em 2023, empregava 270 mil pessoas na agricultura em 5,24 milhões de trabalhadores (5,2%), acima da média europeia e próximo da Eslovénia (5,8%) e da Letónia (6,3%). Em volume absoluto, situa-se abaixo dos grandes países agrícolas mas acima da maioria dos países ocidentais.

Os dados europeus revelam três padrões distintos: um primeiro grupo de países com elevado peso e volume de emprego agrícola, como Roménia, Polónia, Bulgária e Grécia; um segundo grupo com valores muito reduzidos, onde se incluem Alemanha, Países Baixos, França ou Dinamarca; e, entre ambos, um conjunto intermédio, no qual se insere Portugal, caracterizado por níveis moderados de emprego agrícola, com pesos entre 4% e 7% e uma posição estável, acima da média da União Europeia.

Evolução do Peso do Trabalho na Agricultura na UE



Entre as quinze entidades com maior peso agrícola, o trabalho agrícola diminuiu de forma generalizada, permanecendo desigual entre os estados-membros, em função das distintas estruturas produtivas.

Mais Valor Gerado Pelo Trabalho Agrícola

Desde 1995, o volume de mão-de-obra agrícola (UTA) caiu de mais de 430 mil para cerca de 220 mil unidades, enquanto o Valor Acrescentado Bruto (VAB) permaneceu estável até 2015 e cresceu de forma expressiva na última década, revelando um setor mais produtivo e orientado para a criação de valor.

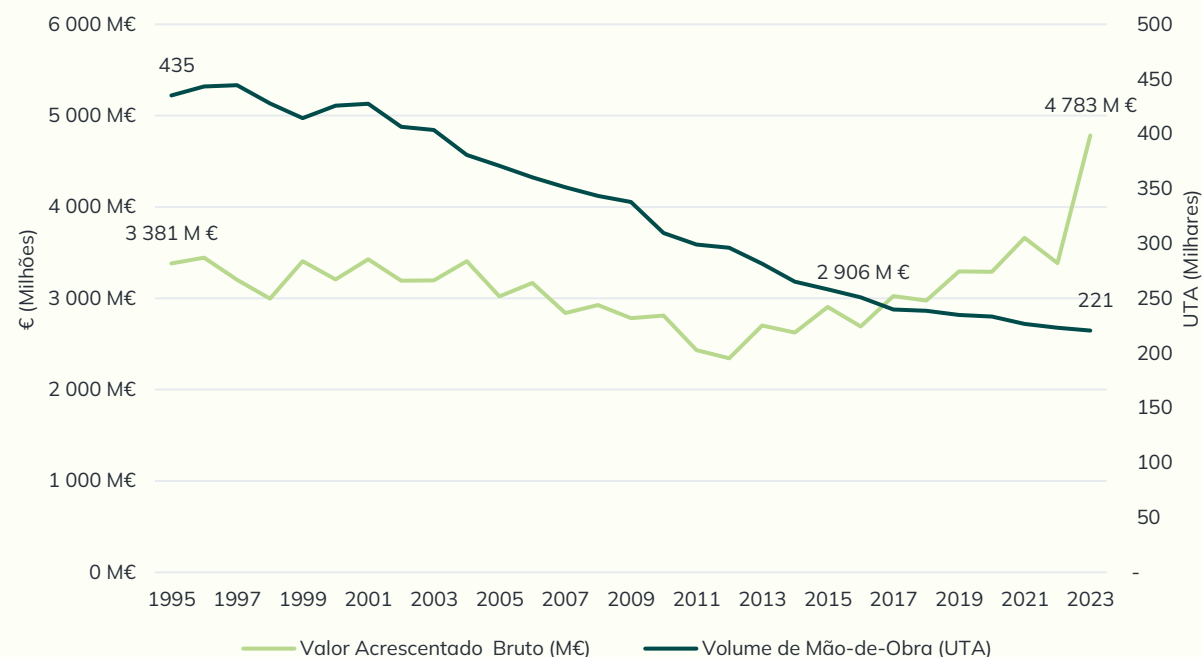
A evolução inversa destas variáveis demonstra que a produtividade do trabalho agrícola aumentou significativamente, impulsionada pela mecanização, irrigação, especialização e gestão empresarial mais profissional. O setor passou a medir o seu dinamismo pela eficiência e qualidade da produção, reforçando a sua competitividade nos mercados internacionais.

A relação entre PIB agrícola e emprego confirma uma transformação estrutural profunda: menos trabalho, mais valor. O desafio, agora, é garantir sustentabilidade social e qualificações adequadas à nova realidade produtiva.

A divergência entre pessoal ao serviço e UTA explica-se pelo crescimento do trabalho parcial, sazonal e temporário, que aumenta o número de pessoas empregadas, mas reduz o volume anual de trabalho devido à mecanização e à substituição do trabalho familiar permanente por mão-de-obra flexível

A relação entre PIB agrícola e emprego confirma uma mudança estrutural: menos mão-de-obra, mais valor. A queda das UTA face ao aumento do pessoal ao serviço reflete a substituição do trabalho familiar por vínculos flexíveis, impulsionada pela mecanização e reorganização produtiva. Este padrão reforça eficiência e competitividade, mas exige garantir qualificação e sustentabilidade social para responder às novas exigências do setor.

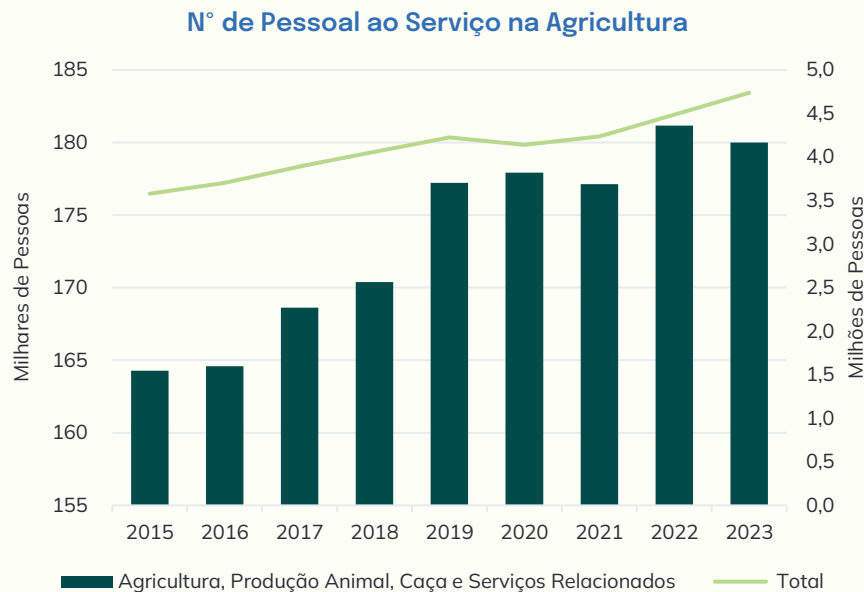
Evolução do VAB e Pessoal ao Serviço no Setor Agrícola



Em 30 anos, a produtividade mais que duplicou, passando de cerca de 7.800 € para 21.600 € por unidade de trabalho anual (+277%), refletindo maior eficiência e valor gerado com menos mão-de-obra.

Mais Emprego Organizado Para a Agricultura

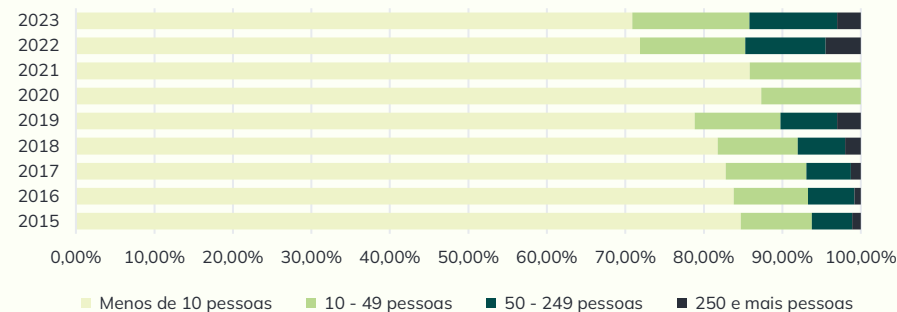
Entre 2015 e 2023, o emprego agrícola cresceu de cerca de 165 mil para 180 mil pessoas, representando 4,7% do emprego nacional. A tendência indica estabilização após anos de declínio, refletindo resiliência num contexto de escassez e envelhecimento.



O emprego agrícola em Portugal evidencia uma reorganização estrutural, marcada pela estabilização do número de trabalhadores, pelo reforço da profissionalização e pelo crescimento de unidades mais robustas e organizadas. Esta evolução cria o enquadramento necessário para compreender o perfil e as dinâmicas atuais dos trabalhadores agrícolas.

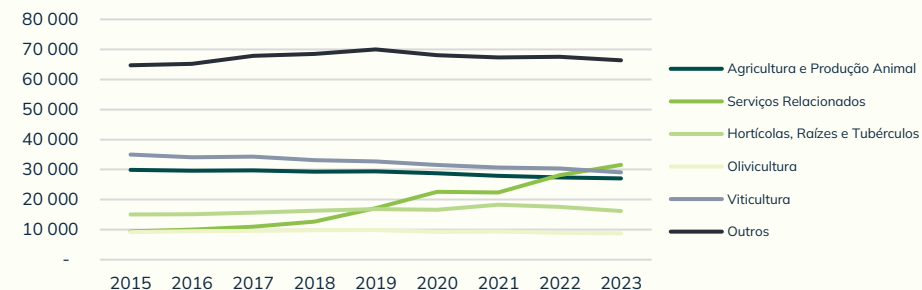
Predominam as microempresas, com menos de dez pessoas, embora aumente o peso das médias e grandes explorações, evidenciando maior concentração e eficiência produtiva em fileiras orientadas para exportação.

Evolução da Dimensão das Empresas Agrícolas



A viticultura e a produção agrícola e animal combinadas concentram o maior número de trabalhadores, enquanto crescem os serviços relacionados com a agricultura. As culturas tradicionais, como a olivicultura e a horticultura, mantêm importância regional.

Evolução do Pessoal ao Serviço Por Setor Agrícola



Desigualdades Territoriais na Agricultura

O Alentejo concentra mais de metade da SAU nacional (54,7%) mas apenas 11,3% da mão-de-obra, evidenciando um modelo produtivo mecanizado e orientado para explorações de maior dimensão. Esta estrutura privilegia ganhos de escala e eficiência, mas limita a criação de emprego direto e reforça a dependência tecnológica para manter competitividade.

Algarve e Beira Litoral apresentam a maior produtividade por hectare (superior a 5.200 €/ha), apesar do peso reduzido na SAU, refletindo sistemas intensivos com culturas de elevado valor económico e forte orientação para exportação. Estes territórios combinam profissionalização e especialização, mas enfrentam desafios ligados à sazonalidade e à necessidade de mão-de-obra qualificada.

Trás-os-Montes e Beira Interior mantêm modelos extensivos, com grande número de explorações e baixa produtividade, revelando estruturas tradicionais, menos mecanizadas e dependentes de trabalho manual. Esta configuração implica menor eficiência económica e exige estratégias de modernização e valorização das produções locais para reduzir assimetrias regionais.

A heterogeneidade regional reforça a ideia de que a agricultura portuguesa evolui para maior eficiência e valorização económica, mas mantém assimetrias territoriais marcadas entre regiões mais profissionalizadas e áreas de produção familiar.

Agricultura Regional 2023

Região Agrária	Nº Explorações	SAU	Pessoal ao Serviço	Total VPPT (€)	VPPT (€/Hectare)
Entre Douro e Minho	38 134 (14,6%)	189 864 (4,9%)	101 256 (16,2 %)	9 622 €	3 941 €
Trás-os-Montes	61 673 (23,6%)	429 159 (11,1%)	136 238 (21,7 %)	9 756 €	1 402 €
Beira Litoral	38 238 (14,6%)	128 839 (3,3 %)	95 198 (15,2 %)	17 709 €	5 256 €
Beira Interior	30 735 (11,8%)	372 607 (9,7 %)	66 805 (10,7 %)	14 543 €	1 200 €
Ribatejo e Oeste	30 049 (11,5 %)	409 327 (10,6 %)	79 151 (12,6 %)	53 413 €	3 921 €
Alentejo	29 661 (11,3 %)	2 110 742 (54,7 %)	71 413 (11,3 %)	95 347 €	1 340 €
Algarve	11 542 (4,4 %)	95 328 (2,5 %)	28 845 (4,6 %)	45 994 €	5 569 €
Portugal*	261 497	3 861 160	627 018	31 491 €	2 133 €

Agricultura em Transição

A agricultura mantém um papel estrutural na economia nacional, com maior expressão nas regiões do Alentejo e de Trás-os-Montes, onde o emprego agrícola continua a ser um pilar económico e social. O concelho de Odemira destaca-se como o mais dependente de mão-de-obra no setor, com quase 60% dos postos de trabalho ligados à agricultura, seguido por Ferreira do Alentejo e Santa Maria de Penaguião.

Os dados reforçam o forte contraste territorial: no Norte e Centro predominam minifúndios familiares, que representam dois terços das explorações e cerca de 43% do pessoal ao serviço na agricultura, enquanto no Alentejo prevalecem explorações de grande dimensão, responsáveis por mais de metade da área agrícola nacional. Apesar de apresentar menor densidade laboral por hectare, o Alentejo regista valores absolutos elevados em número de trabalhadores, refletindo a dimensão das suas explorações.

Esta distribuição evidencia uma dupla realidade: um setor em modernização, com ganhos de produtividade e valor, mas ainda fortemente assimétrico, entre agricultura intensiva e familiar, revelando desafios futuros para a coesão territorial e a sustentabilidade social

A agricultura portuguesa evidencia um setor em transição, com redução do emprego mas forte aumento do valor gerado e da produtividade, mostrando uma eficiência crescente do trabalho agrícola, onde menos trabalhadores produzem mais, acompanhando a modernização das explorações. Esta evolução confirma a profunda transformação estrutural do setor, marcada por maior profissionalização e diferenciação regional.

Peso do Trabalho Agrícola em Portugal



3 Maiores Concelhos

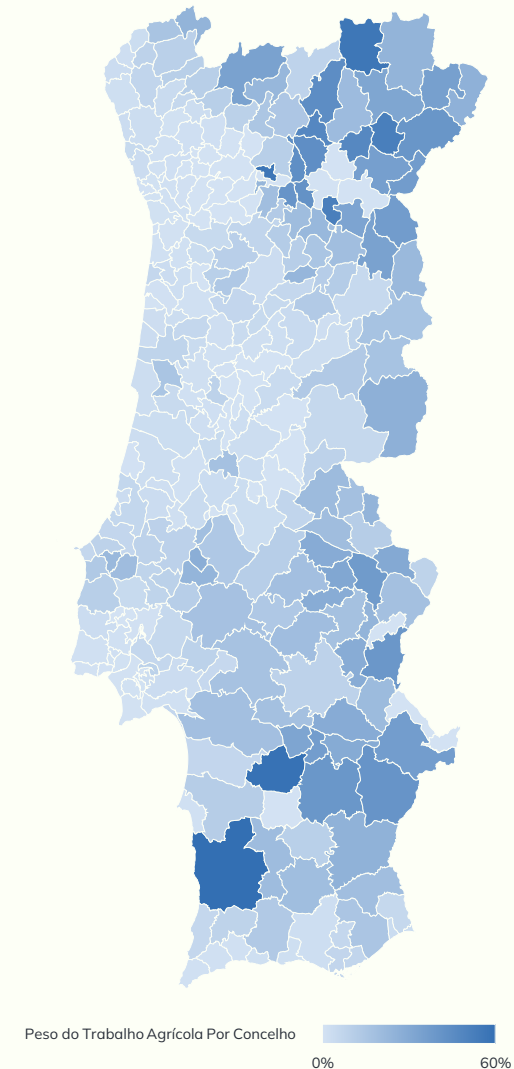
Odemira 59,76 %
Ferreira do Alentejo 58,13 %
Santa Maria de Penaguião 56,13 %



3 Menores Concelhos

São João da Madeira 0,27 %
Matosinhos 0,38 %
Espinho 0,40%

Fonte: Contas Integradas das Empresas INE 2025



Caso de Estudo

Nutrifarms

A Nutrifarms é uma das maiores empresas de olivicultura e amendoal da Península Ibérica, gerindo mais de 7.500 ha em Portugal, Espanha e Marrocos. A sua dimensão, mecanização avançada e forte integração tecnológica tornam-na altamente relevante para este estudo, permitindo observar de forma clara como a modernização agrícola influencia a redução de necessidade de trabalho, a especialização da mão-de-obra e a transformação dos perfis profissionais no setor.



Posição e Medidas da Empresa (Mão-de-Obra)

Elevado grau de mecanização das operações agrícolas, executadas por mão de obra qualificada, com apoio de tecnologia quer ao nível da mecanização quer da recolha e gestão de informação em campo.

Equipa permanente de 100 trabalhadores (grande maioria portugueses) responsável por coordenação, planeamento e supervisão, reforçada por +40 trabalhadores sazonais (cerca de 2/3 estrangeiros) no lagar durante a campanha.

As operações são asseguradas por operadores de maquinaria altamente especializados e por técnicos com capacidade para interpretar dados provenientes da sensorização de campo e do lagar, nomeadamente em matérias de clima, solos, fisiologia vegetal, fitopatologia, ecologia e serviços de ecossistema, bem como da qualidade do produto final.

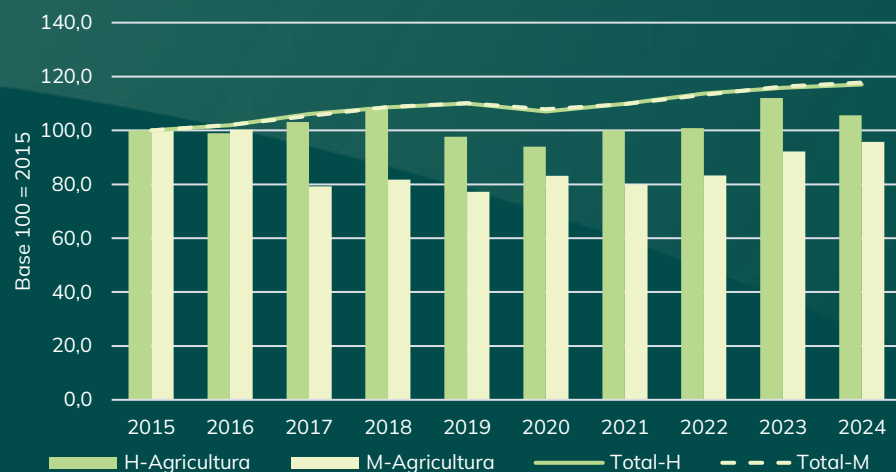
Apesar do elevado nível de mecanização, as tarefas exigem equipas qualificadas e bem articuladas entre si. O aumento do volume de informação recolhida no campo e no lagar implica análises complexas e multidisciplinares dos dados, essenciais para gerar conhecimento e melhorar os resultados produtivos.

A Nutrifarms antecipa maior automação e digitalização, exigindo equipas com competências técnicas e digitais mais fortes. Espera reforçar a formação contínua e a ligação ao ensino, para garantir profissionais capazes de acompanhar a crescente complexidade tecnológica do setor.

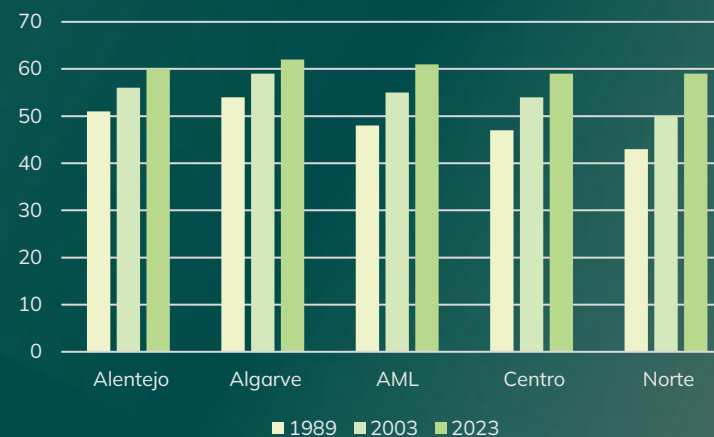
03 Quem São os Trabalhadores da Agricultura?

Mudança Demográfica no Trabalho Agrícola

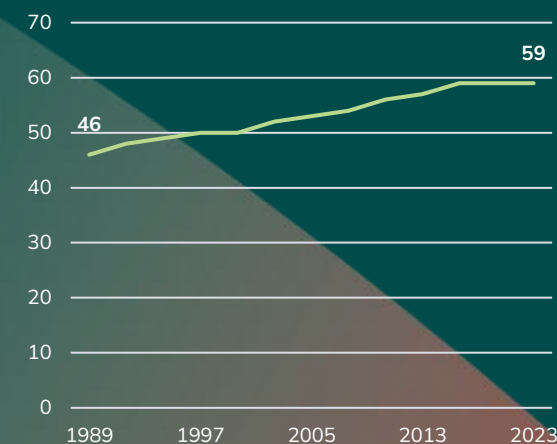
Índice de Pessoal ao Serviço das Empresas por Sexo



Evolução da Idade Média da Mão-de-Obra Agrícola Familiar Regional



Evolução da Idade Média da Mão-de-Obra Familiar Nacional

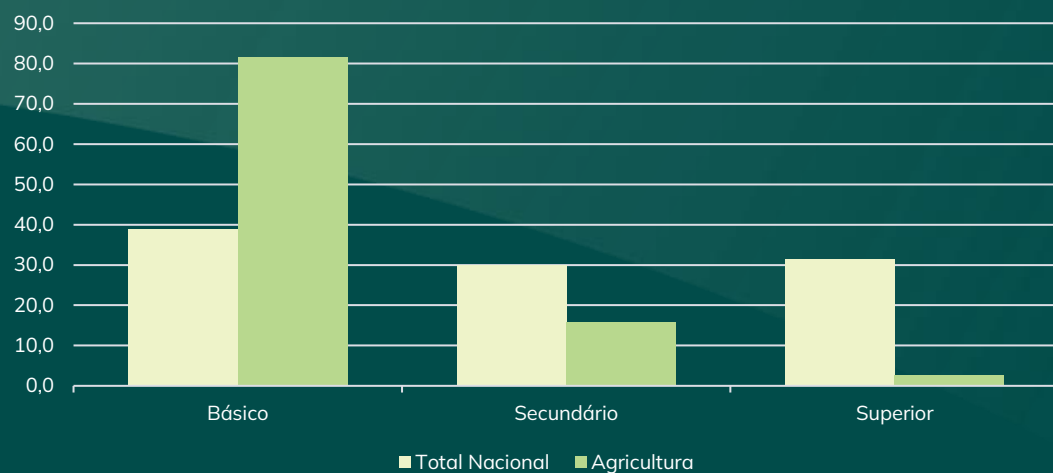


Entre 2015 e 2024, o emprego agrícola masculino manteve-se relativamente estável, enquanto o emprego feminino registou um crescimento gradual, em linha com a evolução do mercado de trabalho nacional. Esta tendência traduz uma participação crescente das mulheres na agricultura e uma ligeira diversificação do perfil laboral, ainda que o setor se mantenha maioritariamente masculino.

No setor agrícola, verifica-se um envelhecimento contínuo da mão-de-obra familiar, cuja idade média passou de 46 anos em 1989 para 59 anos em 2023. Esta tendência é transversal às regiões, mas mais acentuada no Alentejo e no Centro, onde predominam explorações de maior dimensão e gestão tradicional. Apesar da modernização gradual, o aumento da idade média evidencia falta de renovação geracional e declínio do trabalho familiar jovem, com impactos diretos na capacidade de inovação, sucessão e adaptação às exigências tecnológicas e ambientais. A evolução confirma um setor em transição, marcado por maior profissionalização, mas ainda dependente de estruturas familiares envelhecidas.

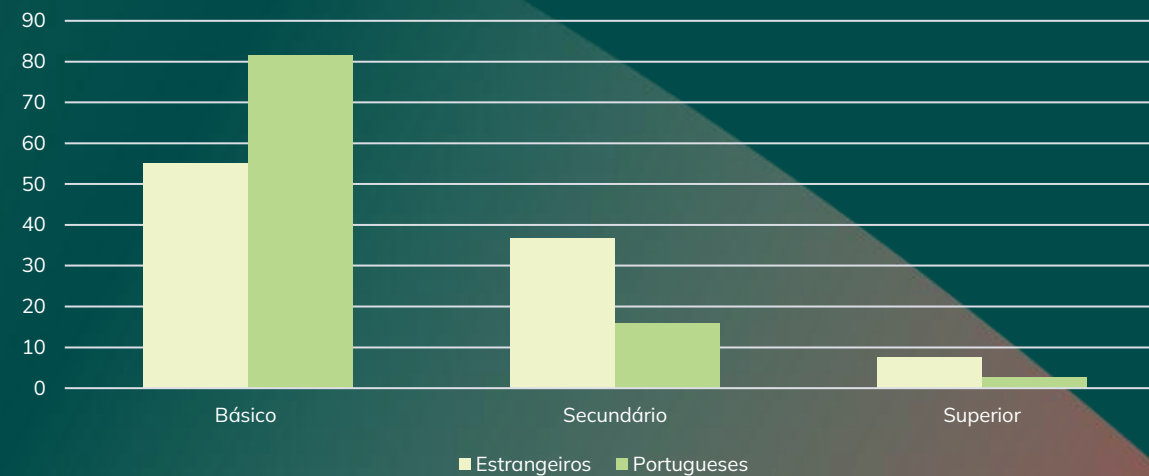
Qualificações na Agricultura

Escolaridade na Agricultura e no Total Nacional



A agricultura portuguesa apresenta um nível de qualificação reduzido, com 81,5% dos seus trabalhadores detentores apenas do ensino básico, o que contrasta fortemente com a escolaridade mais elevada registada nos restantes setores da economia. Esta assimetria estrutural dificulta a atração e retenção de talento, condicionando a capacidade de inovação e a necessária renovação de competências exigida pela crescente modernização e exigência tecnológica.

Escolaridade na Agricultura: Trabalhadores Estrangeiros e Portugueses



Entre os trabalhadores agrícolas, observa-se que os portugueses permanecem nos níveis de escolaridade mais baixos, enquanto os estrangeiros apresentam uma formação mais diversificada e qualificada. Esta distinção reforça a dupla fragilidade do setor, envelhecimento e baixa qualificação, mas também evidencia o papel essencial da imigração laboral na introdução de trabalhadores mais jovens e com maior nível de escolaridade, fundamentais para sustentar a modernização da agricultura.

Caso de Estudo

Job&Talent Powered by Multitempo

A Job&Talent Powered by Multitempo integra um grupo tecnológico global especializado em soluções de talento e gestão de força de trabalho. Em Portugal, conta com mais de 30 anos de experiência e acompanha anualmente milhares de trabalhadores em operações agrícolas em várias regiões do país, assegurando escala, estabilidade e conformidade legal através da combinação entre equipas locais e tecnologia de gestão operacional.

job&talent
powered by **MULTITEMPO**

Posição e Medidas (Especialização do Trabalho)

O desafio central é garantir continuidade anual da mão-de-obra num setor altamente sazonal, impactando diretamente o volume de trabalho em cada empresa.

A diversificação de culturas entre produtores permite complementar janelas de trabalho e estabilizar a necessidade de mão-de-obra.

A empresa agrega necessidades regionais de vários clientes, melhorando estabilidade, experiência e produtividade das equipas.

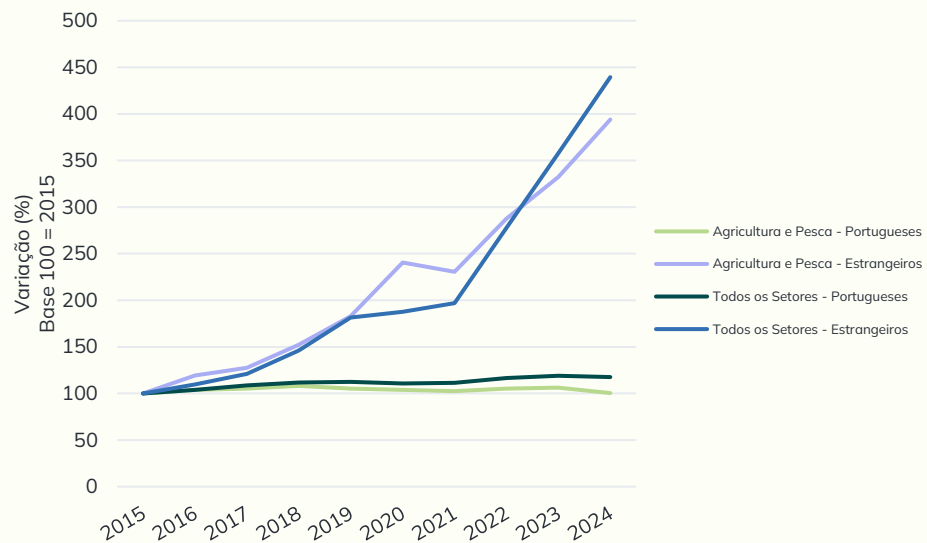
Tecnologia de planeamento e gestão digital reforça previsibilidade e eficiência do volume de trabalho.

A empresa prevê um setor mais regulado, digital e baseado em dados, permitindo necessidades de trabalho mais previsíveis e equipas mais qualificadas. A coordenação entre produtores, empresas de trabalho e autoridades será decisiva para reduzir sazonalidade extrema e melhorar estabilidade laboral.

Necessidade de Trabalhadores Estrangeiros

A presença de trabalhadores estrangeiros tem vindo a assumir uma importância cada vez maior na economia nacional, uma tendência confirmada pelos dados disponíveis. Na última década, o número de empregados estrangeiros aumentou de forma muito marcada, quase quadruplicando a sua representatividade no total de trabalhadores por conta de outrem.

Variação dos Empregados na Última Década



Empregados e Variação Por Qualificação e Origem



O setor da agricultura e pesca acompanha a tendência verificada nos restantes setores, destacando-se sobretudo durante o período da COVID-19, quando o número de trabalhadores estrangeiros cresceu mais do que nos outros setores. Este fenómeno mostra que o volume de trabalho continuou a aumentar, mantendo o setor dinâmico mesmo num período de crise exigente.



A presença de trabalhadores estrangeiros na agricultura portuguesa aumentou significativamente na última década. Este crescimento verifica-se em todas as categorias profissionais, das menos às mais qualificadas, destacando-se cargos de direção e gestão intermédia, com variações superiores a 270%, evidenciando a crescente dependência desta mão-de-obra em todo o setor.

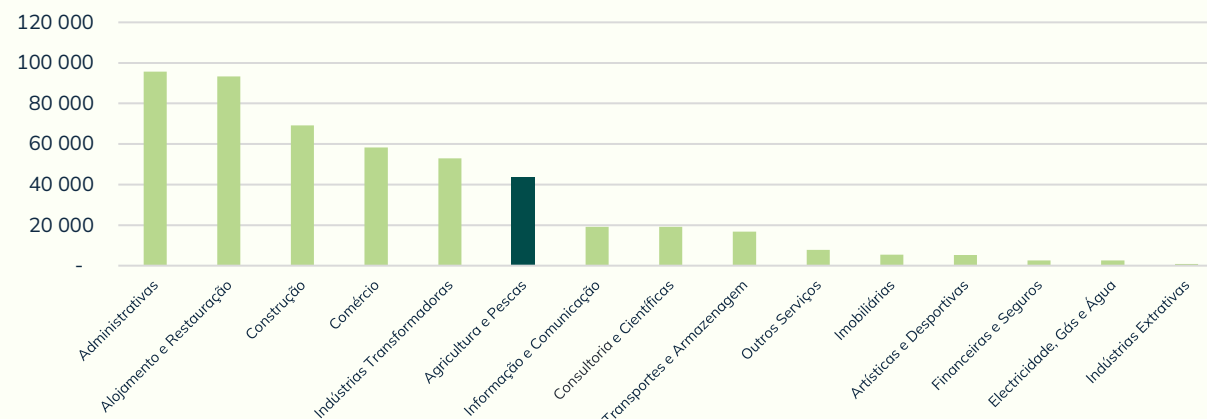
Dependência de Mão-de-Obra Estrangeira

O número absoluto de trabalhadores estrangeiros na agricultura coloca o setor a meio da distribuição setorial, abaixo de atividades como os serviços administrativos, alojamento ou construção. Ainda assim, esta posição não reflete a sua verdadeira relevância, uma vez que, apesar de o volume total ser inferior, o contingente estrangeiro é essencial para assegurar o funcionamento das explorações agrícolas, colmatando a escassez estrutural de mão-de-obra nacional e garantindo a continuidade das campanhas produtivas.

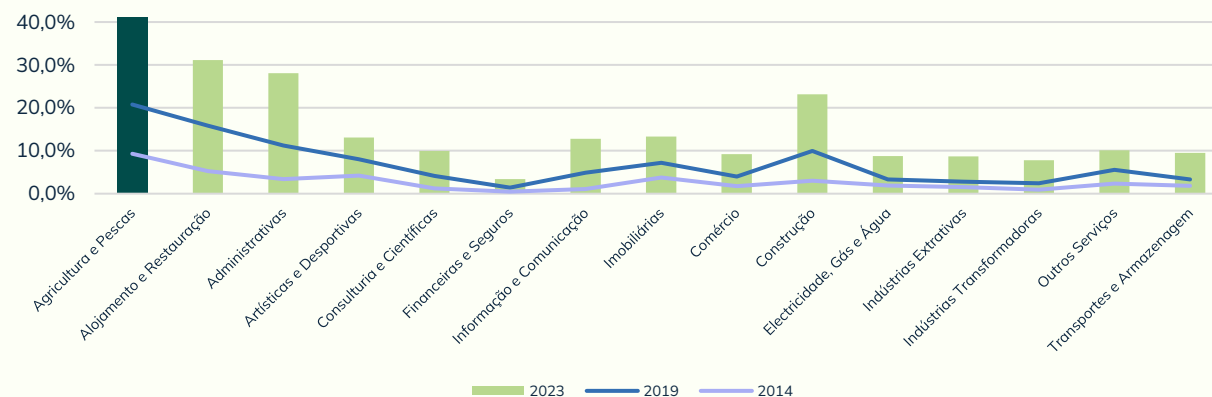
Em termos relativos, o peso dos trabalhadores estrangeiros na agricultura é dos mais elevados de toda a economia, representando mais de 40% da força laboral em 2023, um valor quatro vezes superior ao registado em 2014. Esta rápida evolução demonstra a dependência crescente do setor face à imigração laboral, justificada pela sazonalidade da atividade, envelhecimento da população agrícola nacional e expansão das culturas com maiores necessidades de mão de obra, que exigem maior disponibilidade de mão-de-obra em períodos concentrados. Assim, a presença de trabalhadores estrangeiros tornou-se um fator estrutural e indispensável à competitividade e continuidade da agricultura.



Número de Trabalhadores Estrangeiros Portugal 2023



Peso dos Trabalhadores Estrangeiros



Imigrantes Superam Em Escolaridade

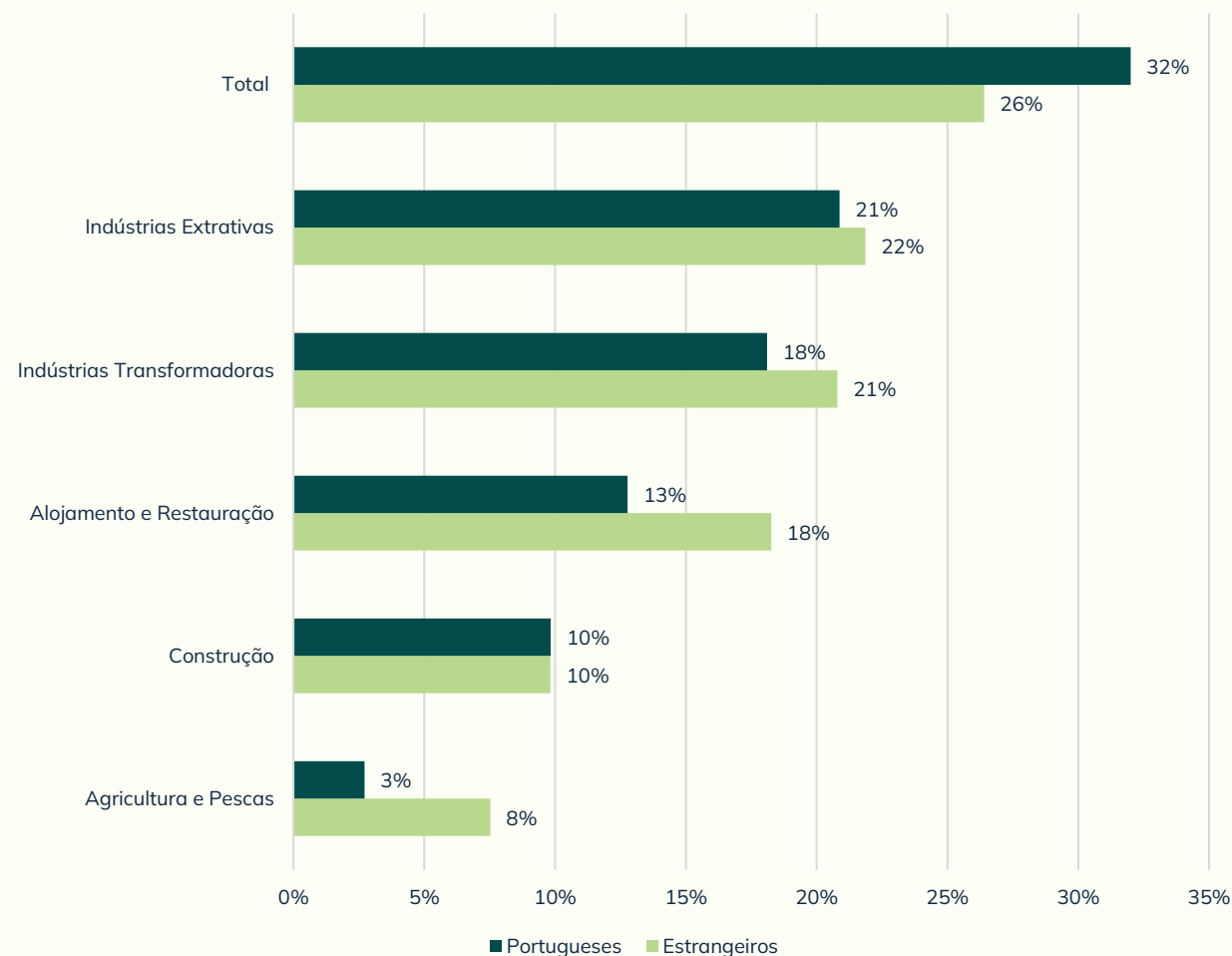
A análise comparativa revela uma disparidade acentuada no nível de escolaridade entre os diversos setores económicos. Enquanto áreas como a educação e atividades científicas apresentam taxas de conclusão do ensino superior acima dos 70%, o setor primário e a construção situam-se no extremo oposto, com os indicadores mais baixos de qualificação académica formal.

É notável que, em setores com menor exigência técnica aparente, os trabalhadores estrangeiros apresentam frequentemente qualificações superiores às dos nacionais. No setor da agricultura e pesca, a percentagem de estrangeiros com curso superior (7,5%) é quase três vezes superior à dos portugueses (2,7%), sugerindo um fenómeno de sobre qualificação na mão-de-obra imigrante.

Este padrão de maior qualificação estrangeira repete-se em setores como o alojamento e restauração e a construção civil. Esta tendência reforça a ideia de que o fluxo migratório atual contribui com um perfil académico mais elevado para atividades tradicionalmente menos qualificadas, o que pode representar uma oportunidade estratégica para a modernização e inovação destes setores.

A agricultura e pesca regista a menor escolaridade superior global, mas os seus trabalhadores estrangeiros são mais qualificados que os nacionais (7,5% contra 2,7%). O desafio crítico é a retenção de talento. Dada a elevada procura transversal por trabalhadores qualificados no clima atual, o setor enfrenta dificuldades em competir com as condições de outras áreas, arriscando perder o capital humano essencial à sua modernização.

Conclusão Ensino Superior Trabalhadores Portugueses e Estrangeiros 2021



Trabalho Estrangeiro Onde a Agricultura Precisa

A comparação entre os dois mapas permite concluir que existe uma forte correlação espacial entre o peso dos trabalhadores estrangeiros na agricultura e o seu peso total no país, embora com algumas nuances relevantes.

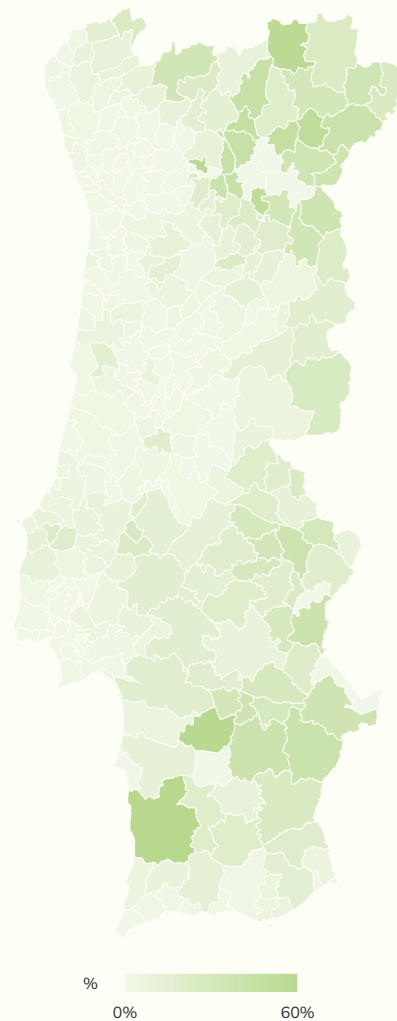
Nas regiões onde a agricultura tem maior expressão e dependência de mão-de-obra externa, como o Alentejo litoral e interior, observa-se também um peso global elevado de trabalhadores estrangeiros, o que confirma que estes fluxos migratórios estão fortemente associados à atividade agrícola. Nestas zonas, a agricultura assume-se não só como o principal empregador, mas também como o principal motivo de atração de trabalhadores estrangeiros, evidenciando a ligação direta entre intensificação agrícola e migração laboral.

Contudo, há regiões, sobretudo urbanas e industriais do litoral norte e centro, onde o peso dos trabalhadores estrangeiros no total da economia é significativo, mas a agricultura tem uma presença residual. Isto demonstra que uma parte relevante da mão-de-obra estrangeira não se destina ao setor agrícola, sendo absorvida por setores como a construção, restauração ou serviços.

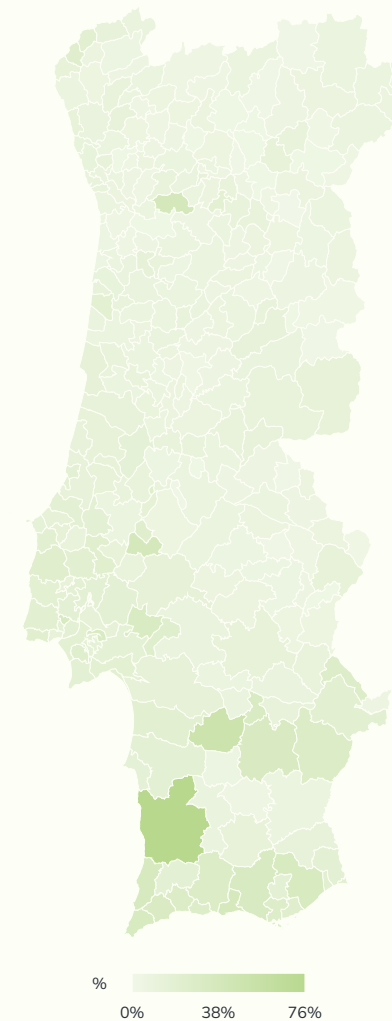
Fontes: Contas Integradas das Empresas INE e Banco de Portugal 2025

Apesar da grande dependência de mão-de-obra estrangeira no setor agrícola e deste ser um dos setores que mais fixa este tipo de trabalho, a competição de outros setores como a restauração ou a construção pode limitar a oferta de mão-de-obra, tão necessária para a produção agrícola.

Peso do Trabalho Agrícola



Peso dos Trabalhadores Estrangeiros



Fluxos Migratórios Asiáticos

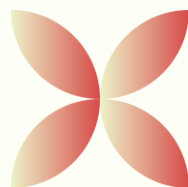
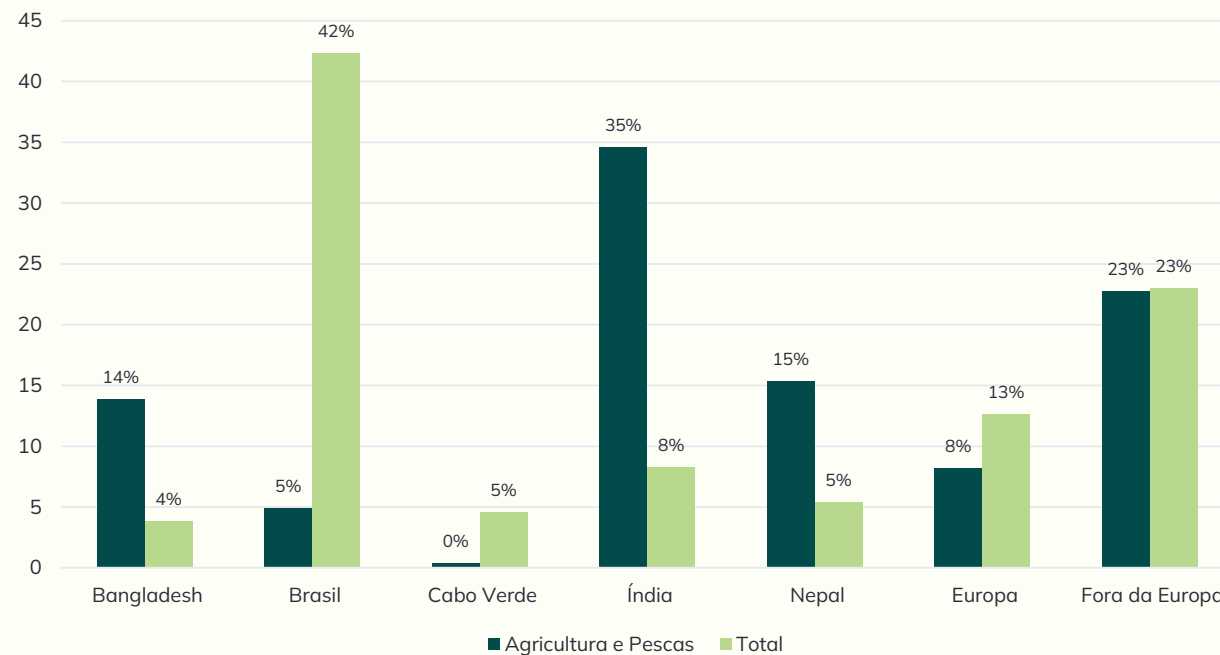
Na agricultura, destaca-se a forte presença de trabalhadores oriundos de fora da Europa, representando mais de 70% da força laboral estrangeira, com destaque para Nepal, Bangladesh e Índia. Esta composição reflete a natureza mais intensiva, sazonal e exigente fisicamente do trabalho agrícola, que atrai trabalhadores oriundos de países asiáticos com maior tradição em atividades agrícolas e disponibilidade para mobilidade laboral prolongada.

Nos restantes setores, observa-se uma maior presença de trabalhadores de países lusófonos e europeus, nomeadamente Brasil, Cabo Verde e países da União Europeia, evidenciando um perfil mais diversificado e qualificado. Estes setores, como serviços, indústria ou construção, oferecem condições laborais mais estáveis e requisitos técnicos distintos, que influenciam o tipo e a origem dos fluxos migratórios.

Em síntese, o gráfico confirma que a agricultura portuguesa depende fortemente de mão-de-obra extracomunitária, essencial para suprir as necessidades de trabalho sazonal e intensivo, enquanto os restantes setores da economia absorvem fluxos migratórios mais diversificados e qualificados, refletindo as diferentes exigências e dinâmicas laborais de cada área.

A composição da mão-de-obra estrangeira evidencia uma dependência estrutural da agricultura portuguesa de trabalhadores oriundos da Ásia, ao contrário dos restantes setores, onde predominam origens europeias e lusófonas. Esta diferença reflete a segmentação do mercado laboral migrante, em que a agricultura continua a captar perfis de trabalho intensivo e sazonal, essenciais para sustentar a competitividade do setor.

Origem da Mão-de-Obra Estrangeira



A agricultura destaca-se pela forte presença de trabalhadores asiáticos, refletindo a dependência estrutural da imigração laboral extracomunitária para responder às necessidades produtivas.

Caso de Estudo

The Summer Berry Company

The Summer Berry Company é uma empresa de referência na produção de framboesas e pequenos frutos em geral em Portugal. A empresa produz anualmente cerca de 4000 toneladas de framboesas, a maioria para exportação, com forte foco em qualidade, segurança alimentar, tecnologia e sustentabilidade.



Posição e Medidas (Trabalhadores Estrangeiros)

A TSBC integra trabalhadores de diversas origens, sobretudo extra-UE (Nepal, Índia, Bangladesh, Paquistão), essenciais para colheita, manutenção e operações climatéricas.

Implementa um processo de integração formalizado no 1.º dia (segurança, regras, funções, direitos, espelho salarial).

Mantém supervisores bilingues (inglês, nepali, punjabi) para reduzir barreiras linguísticas.

Oferece alojamento regulado, transporte gratuito, cantina multicultural e apoio social estruturado.

Promove eventos interculturais (festividades religiosas e comunitárias) para reforçar pertença e reduzir rotatividade.

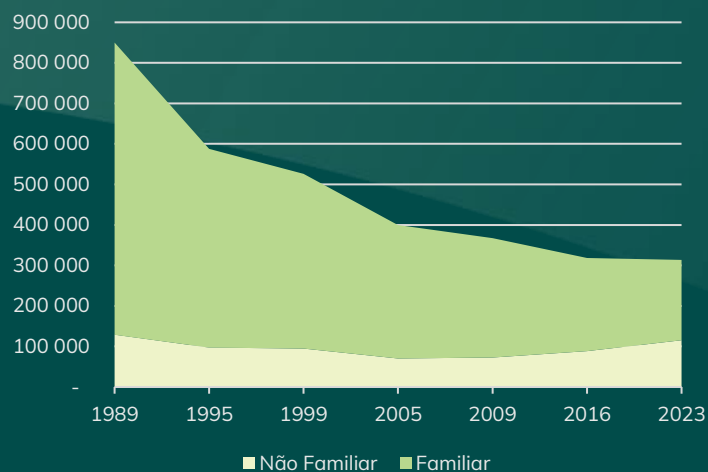
Investe em formação contínua e feedback regular, identificando desafios culturais e contratuais.

A The Summer Berry Company prevê continuação de dependência de mão-de-obra estrangeira e maior necessidade de competências digitais e operacionais. Defende políticas públicas que facilitem contratação internacional e reforcem a qualificação técnica no terreno para garantir equipas estáveis e produtivas

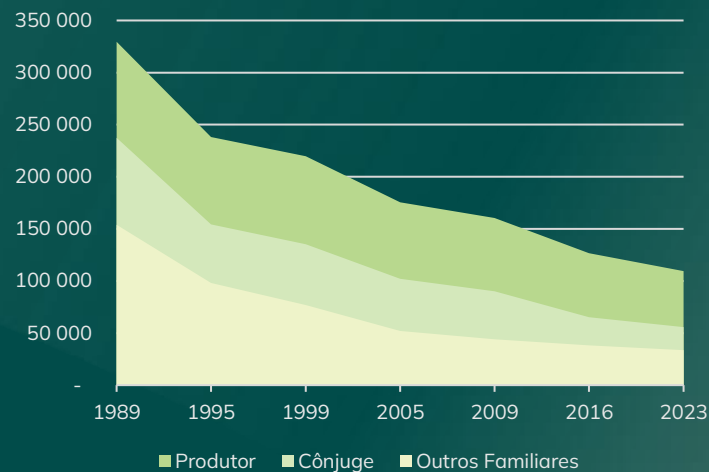
04 Condições de Trabalho

Da Mão de Obra Familiar à Profissionalização

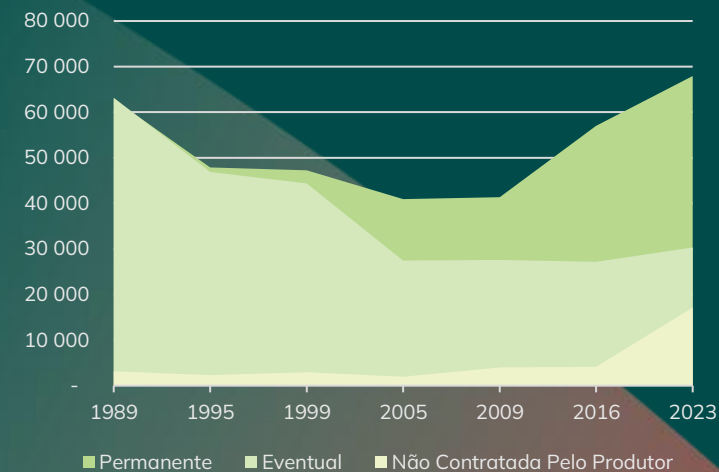
Mão-de-Obra Total (UTA)



Mão-de-Obra Familiar (UTA)



Mão-de-Obra Não Familiar (UTA)



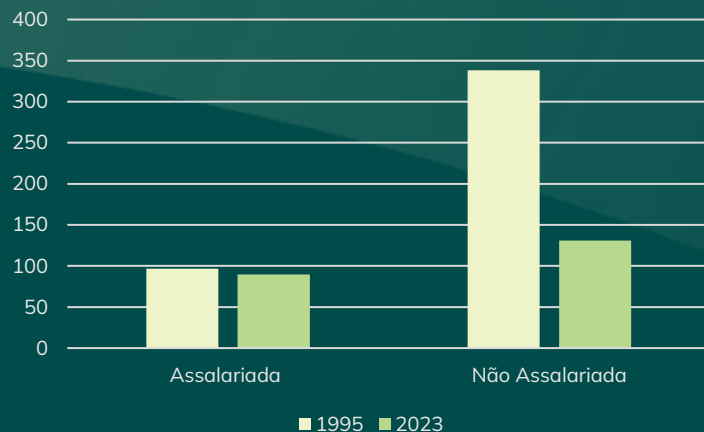
Desde 1989, o trabalho agrícola reduziu-se de quase 900 mil para 300 mil UTA, refletindo a perda de peso da mão-de-obra familiar. A modernização das explorações permitiu produzir mais com menos trabalhadores, confirmando uma transformação estrutural do emprego no setor.

A mão-de-obra familiar diminuiu mais de 50% em 30 anos, marcada pelo envelhecimento e falta de sucessão geracional. O trabalho do produtor e do cônjuge continua dominante, mas o modelo familiar tradicional perde relevância face à crescente profissionalização.

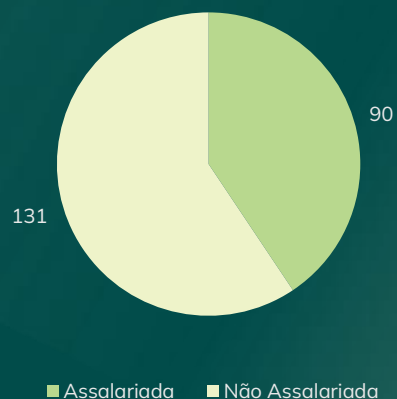
A mão-de-obra não familiar aumentou significativamente após 2013, impulsionada pelo crescimento do trabalho sazonal e da prestação de serviços. Este modelo flexível tornou-se essencial para responder à sazonalidade e às novas exigências produtivas da agricultura moderna.

Declínio Familiar e Ascensão Assalariada

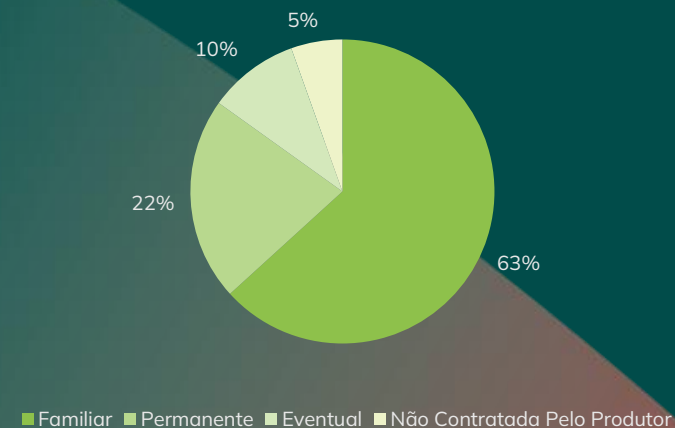
Volume de Trabalho (Milhares UTA)
Assalariados e Não Assalariados



Volume de Trabalho (Milhares UTA)
Assalariados e Não Assalariados 2023



Volume de Trabalho
Por Tipo de Trabalho 2023



Desde 1995, verifica-se uma forte redução do trabalho não assalariado e uma maior estabilidade do trabalho assalariado, que ganha peso no total. Esta tendência reflete a passagem gradual para um modelo mais empresarial e profissionalizado, sustentado em vínculos formais e serviços especializados.

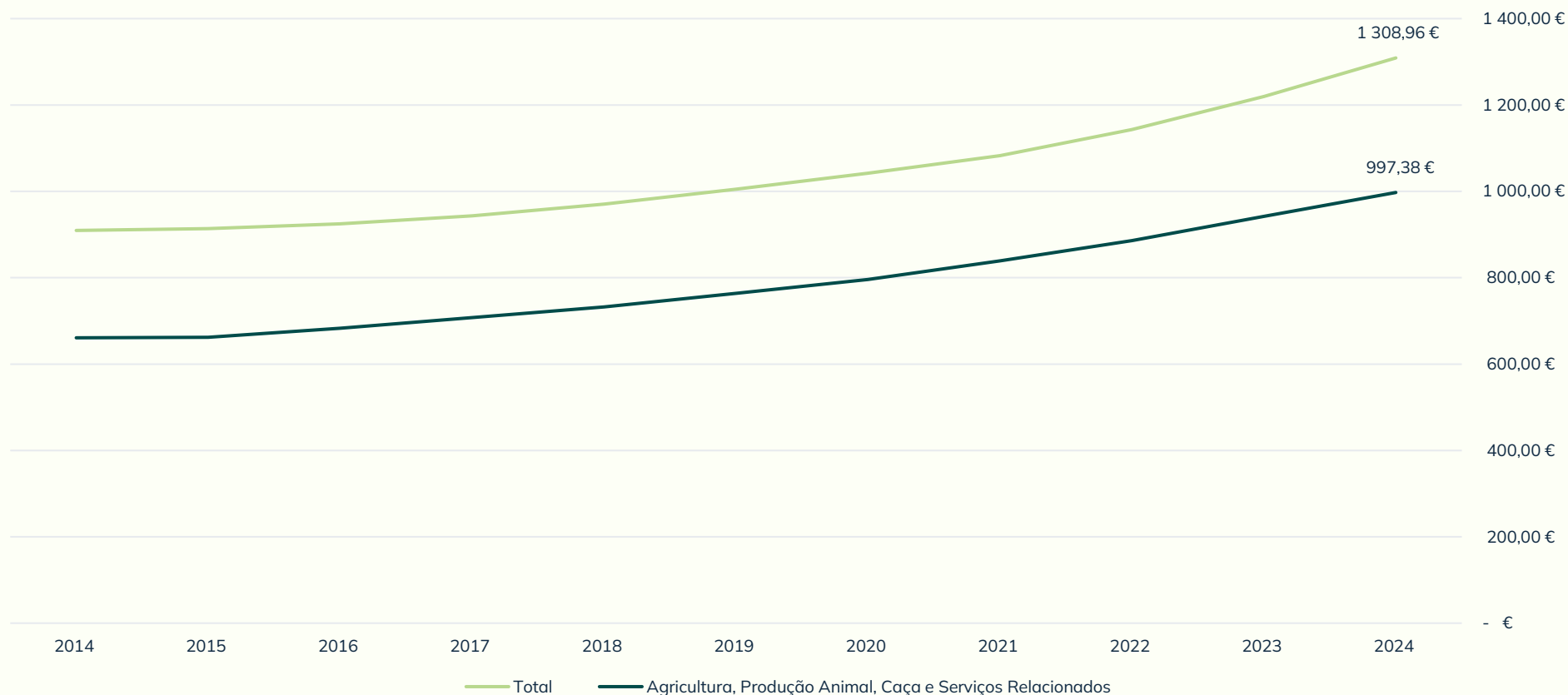
Em 2023, o trabalho assalariado representa 40% do total, consolidando o seu crescimento face ao declínio da mão-de-obra não assalariada. Esta evolução traduz a reconfiguração estrutural do emprego agrícola, com a substituição progressiva do modelo familiar por um modelo empresarial, formal e estável, sustentado em vínculos laborais permanentes.

A mão-de-obra familiar mantém 63% do volume total, mas em trajetória descendente. Em contrapartida, o trabalho permanente e eventual evidencia expansão, reforçando a profissionalização e a flexibilidade operacional do setor. A crescente utilização de serviços externos confirma a transição para uma agricultura mais eficiente e mais profissionalizada.

Salários Agrícolas Valorizam 50%

Os salários agrícolas registaram uma valorização real de 50,9% na última década, saltando de 660,85 € para 997,38 €. Este ritmo de crescimento supera o desempenho médio da economia nacional (+43,9%), refletindo uma maior procura por trabalhadores e a crescente capacidade de remuneração da atividade, ainda que abaixo da média dos restantes setores. Esta trajetória ascendente é, por isso, vital para atrair o nível de qualificação exigido pela modernização tecnológica das explorações.

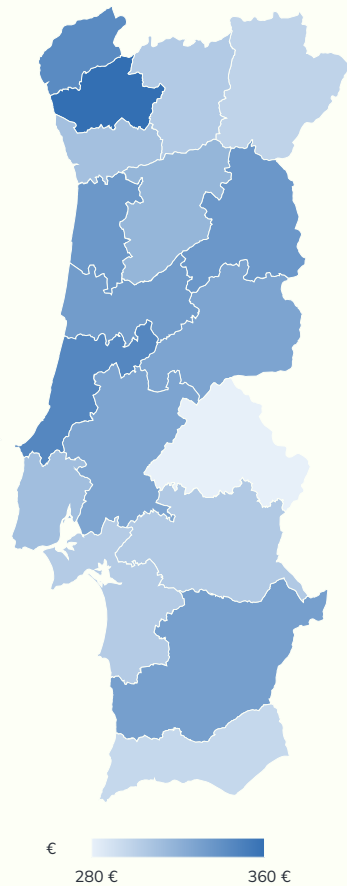
Evolução da Remuneração Mensal no Setor Agrícola e na Média de Todos os Setores



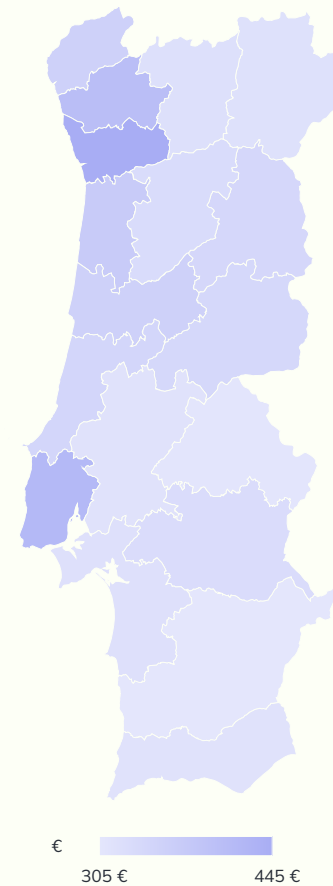
Salários Agrícolas Valorizam 50%

A economia nacional valorizou 395 €, enquanto os trabalhadores qualificados da agricultura subiram 316 €. Apesar do crescimento percentual da agricultura ser superior (51,8% vs. 43,2%), o ganho monetário final é inferior devido à baixa base histórica do setor. Esta discrepância justifica-se pela concentração de serviços urbanos de alto valor e pela natureza sazonal e volátil do trabalho agrícola, que limita a estabilidade de rendimentos face aos setores industriais ou de serviços.

Varição da Remuneração na Agricultura 2015 - 2024



Varição da Remuneração na Economia 2015 - 2024



Rendimentos Agrícolas: Baixa Valorização

O setor agrícola apresenta uma das remunerações médias mais baixas da economia, situando-se em 898 € em 2023, um valor inferior à remuneração das restantes atividades. Em contraste, setores como as atividades financeiras, a informação e comunicação ou a eletricidade e gás registam níveis remuneratórios superiores a duas vezes este valor, refletindo maiores exigências de qualificação, maior intensidade tecnológica e maior produtividade do trabalho.

Remuneração Média dos Vários Setores 2023



Rendimentos Agrícolas: Baixa Valorização

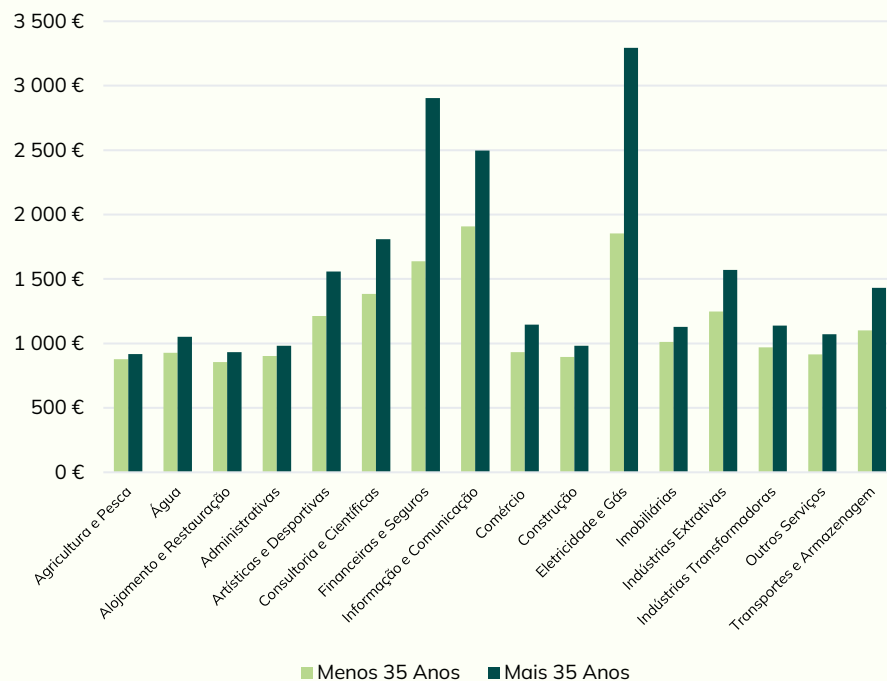


A remuneração dos trabalhadores agrícolas com menos de 35 anos é em média apenas ligeiramente inferior à dos mais velhos, revelando uma estrutura salarial achatada, típica de setores com baixa diferenciação funcional. Esta ausência de progressão reflete a escassa valorização da experiência e a prevalência de funções operacionais no trabalho agrícola.

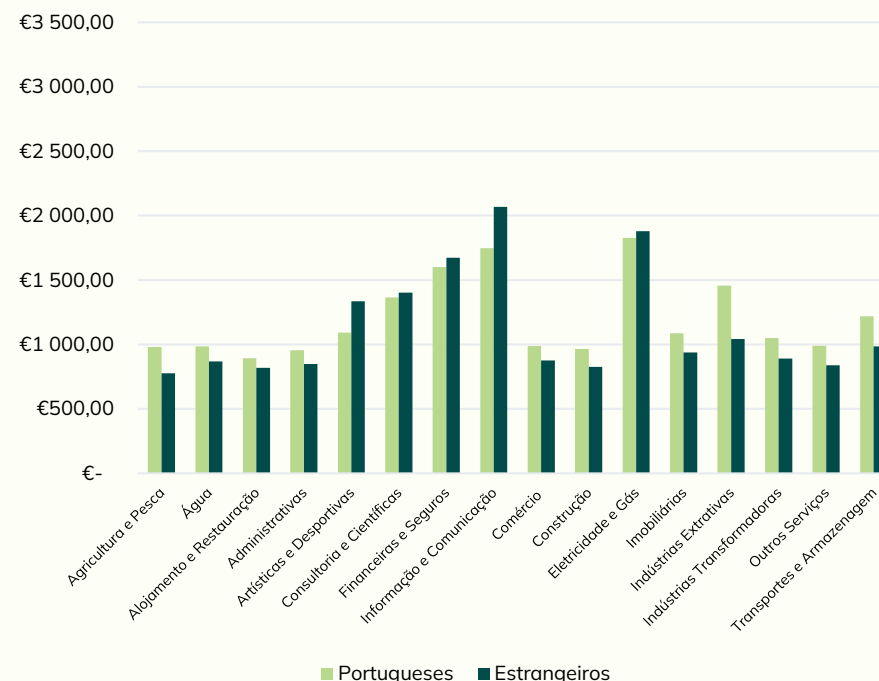


Entre nacionalidades, os trabalhadores estrangeiros auferem rendimentos médios 8 a 10% inferiores aos portugueses, embora a diferença tenha vindo a diminuir. Esta convergência salarial acompanha a integração crescente da mão-de-obra imigrante no setor, essencial para compensar o envelhecimento e assegurar a continuidade produtiva da agricultura.

Remuneração Média Diferentes Setores Faixa Etária



Remuneração Média Diferentes Setores Nacionalidade



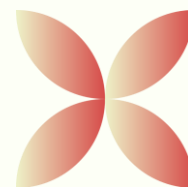
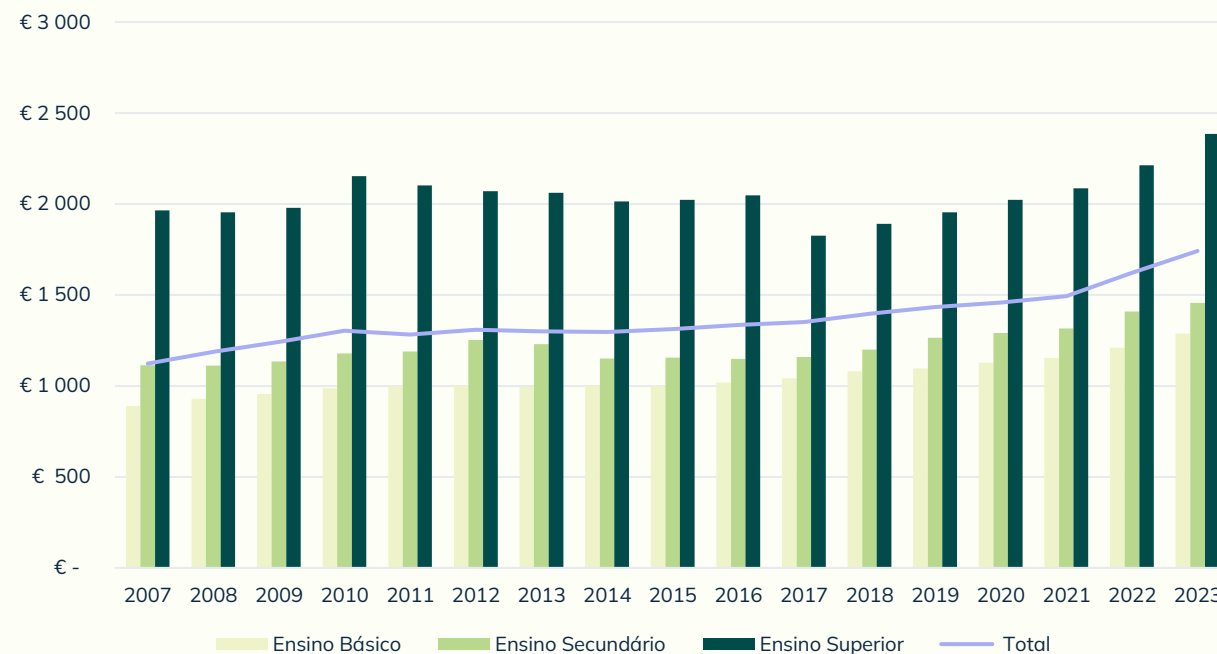
Ganho Médio Sobe Com Mais Qualificações

Entre 2007 e 2023, o ganho médio mensal no setor agrícola cresceu 55%, atingindo os 1.742 €. Esta evolução é fortemente impulsionada pelo nível de qualificação, observando-se que os profissionais com ensino superior auferem um ganho médio de 2.386 €, valor que praticamente duplica o rendimento de quem possui apenas o ensino básico (1.288 €). Este fosso salarial confirma que a especialização técnica, as competências de gestão e a capacidade de adaptação tecnológica assumem um papel determinante na diferenciação de rendimentos na agricultura moderna.

A discrepância entre a remuneração base e o ganho médio pode ser explicada pela natureza sazonal e volátil da atividade agrícola. O ganho médio integra componentes variáveis, como horas extraordinárias e prémios de produtividade, que assumem particular relevância nos períodos de pico, nomeadamente durante as campanhas de colheita ou sementeira, compensando a elevada intensidade laboral exigida. Assim, o rendimento efetivo reflete não apenas a função desempenhada, mas também a capacidade do setor em recorrer a incentivos financeiros para atrair, mobilizar e reter mão-de-obra qualificada em momentos críticos do ciclo produtivo.

O ganho médio na agricultura subiu porque o setor se tem modernizado e passa a exigir um maior nível de qualificação. Ter formação técnica ou superior parece ser, cada vez mais, um caminho para conseguir melhores salários e tentar equilibrar a instabilidade das épocas de maior trabalho. Esta evolução sugere que o trabalho no campo poderá vir a ser mais valorizado, aproximando-se gradualmente do que acontece noutros setores.

Evolução do Ganho Médio Mensal no Setor Agrícola



Em 2023, o ganho médio agrícola atingiu 1.742 €, mais 55% face a 2007, enquanto o ganho médio total cresceu 40%, reforçando a tendência de valorização do setor agrícola acima da média nacional.

Horas de Trabalho Estabilizam

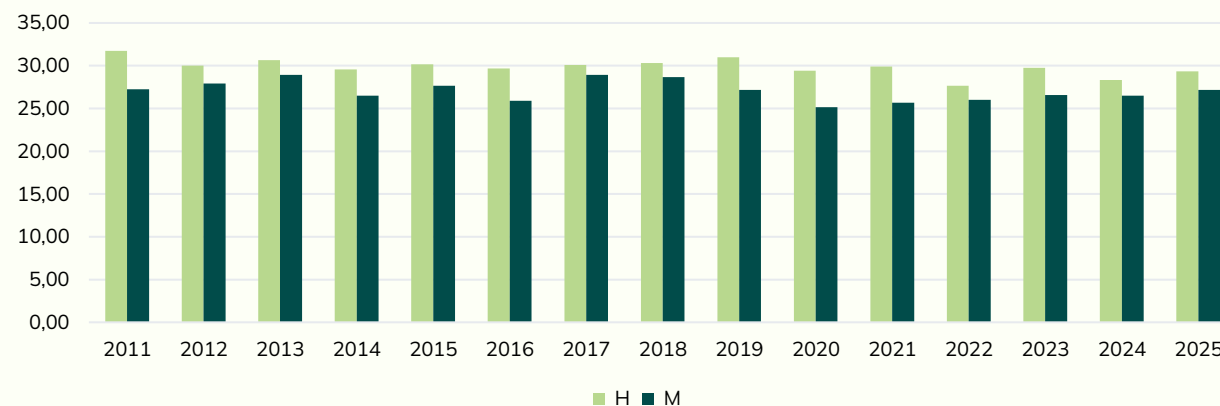
Entre 2011 e 2023, a duração semanal de trabalho na agricultura manteve-se próxima da média nacional, situando-se em torno das 29 horas semanais. Apesar de oscilar com a sazonalidade e as condições climáticas, o setor manteve um padrão semelhante ao total da economia, com reduções acentuadas em 2020 (impacto da pandemia) e recuperação gradual nos anos seguintes. Esta convergência com a média nacional demonstra uma maior estabilidade e eficiência operacional no setor agrícola, que tem conseguido manter a produtividade com menor variação nas horas trabalhadas.

Entre 2011 e 2023, observa-se uma diferença consistente na duração semanal de trabalho entre homens e mulheres na agricultura, com os homens a trabalharem, em média, mais 2 a 3 horas por semana. Em 2023, a média situava-se em 29,3 horas para os homens e 27,1 horas para as mulheres. Esta diferença está associada à maior presença feminina em funções sazonais e de menor duração, bem como à maior concentração masculina em atividades de campo e operações mecanizadas, mais intensivas em tempo de trabalho. Ainda assim, a evolução global mostra maior estabilidade e aproximação entre géneros, acompanhando a profissionalização e modernização do setor agrícola.

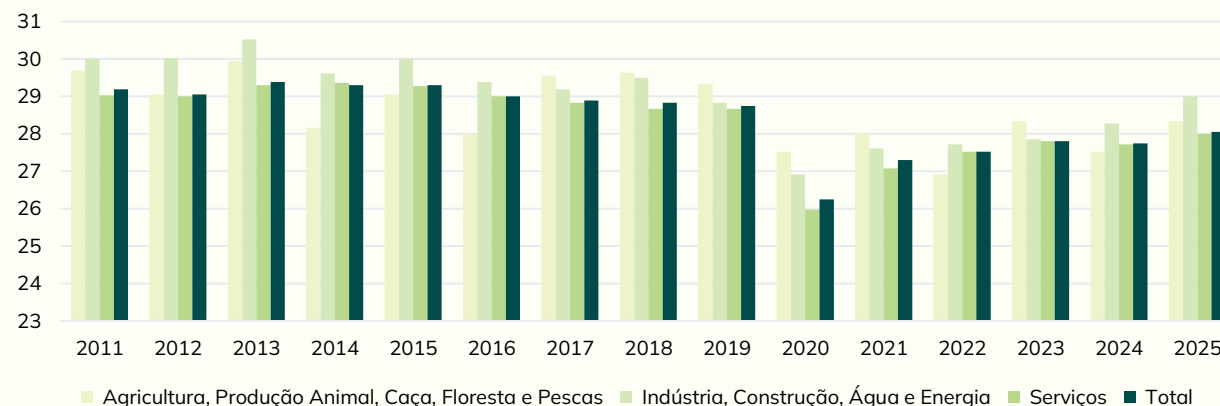


A duração do trabalho agrícola mostra um setor mais estável e equilibrado, com menor disparidade entre géneros e convergência face à média nacional, refletindo a formalização progressiva do trabalho agrícola.

Duração Semanal Efetiva (h) no Setor Agrícola



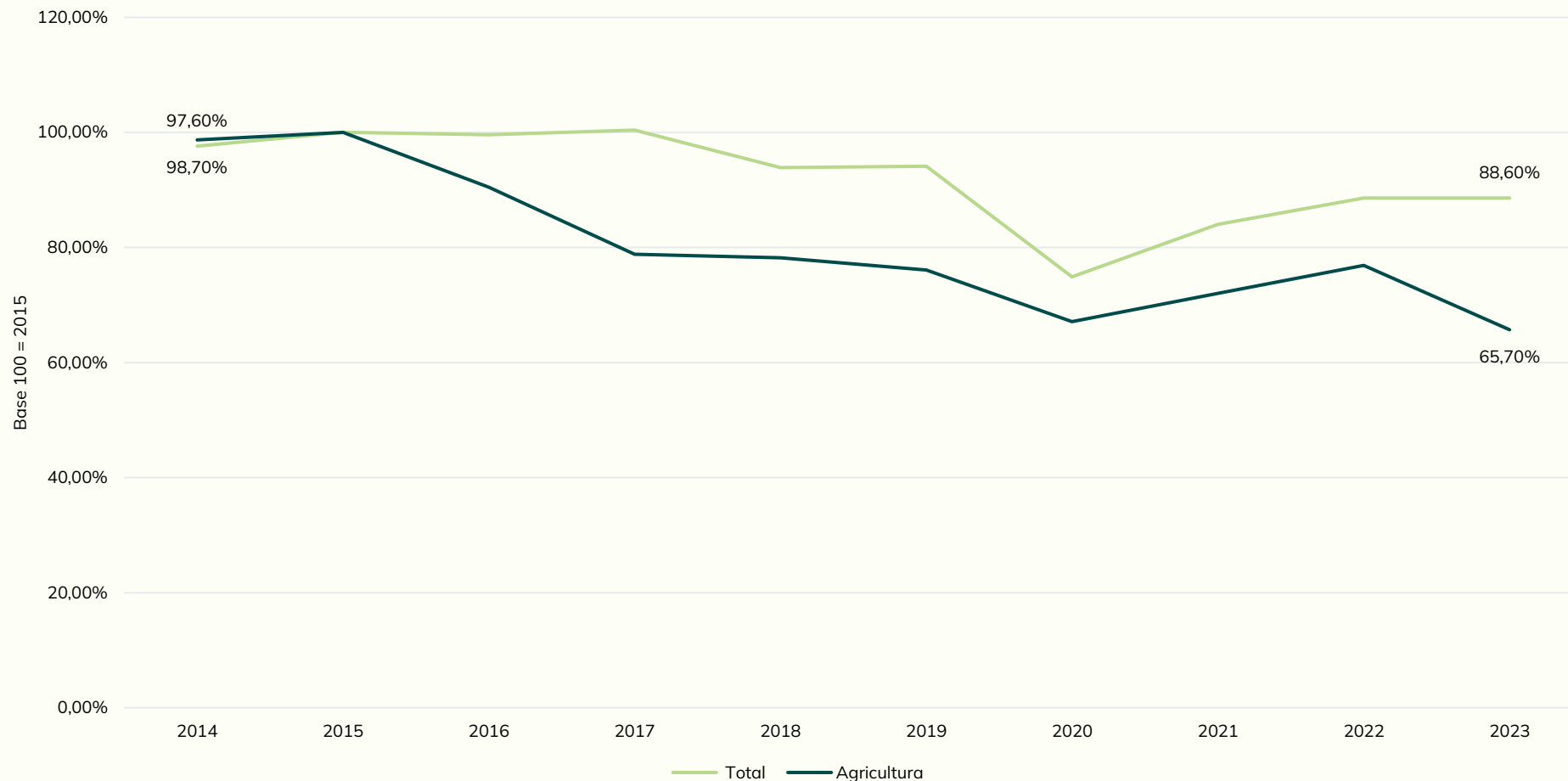
Comparação da Duração da Semana Efetiva (h) Entre Setores



Acidentes de Trabalho na Agricultura

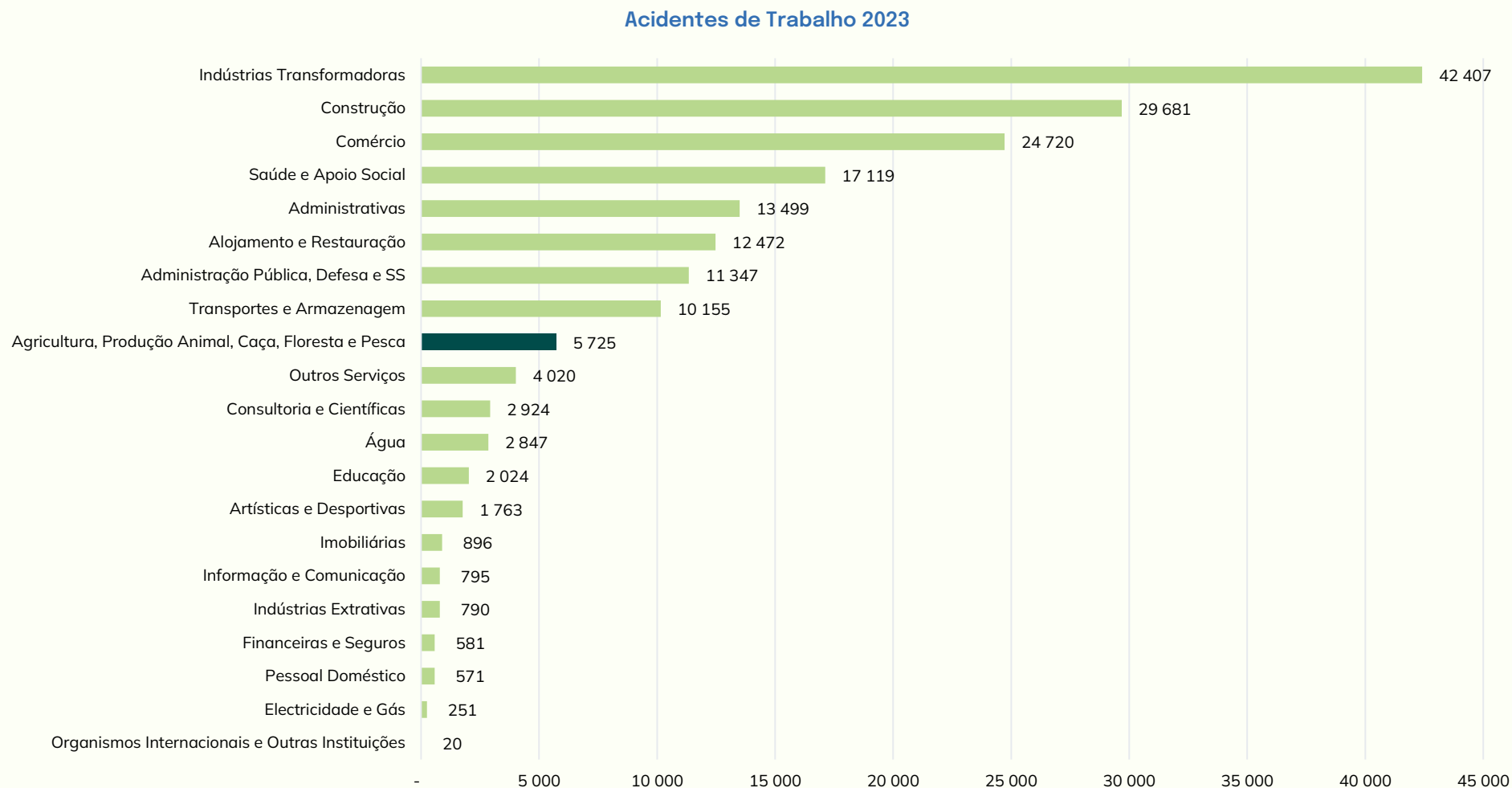
Entre 2014 e 2023, o número de acidentes de trabalho na agricultura registou uma redução de cerca de 20%, contrastando com a relativa estabilidade do total nacional. Esta tendência reflete melhorias nos procedimentos de segurança e maior profissionalização do setor, embora persistam riscos estruturais ligados à mecanização e à sazonalidade das atividades agrícolas.

Evolução dos Acidentes de Trabalho na Agricultura e no Total

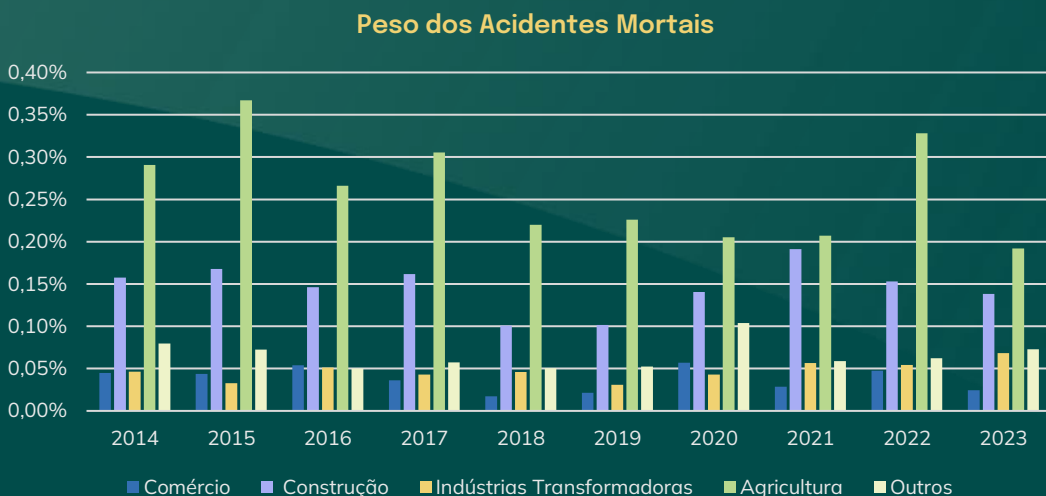


Acidentes de Trabalho na Agricultura

Em 2023, a agricultura contabilizou 5.725 acidentes de trabalho, situando-se abaixo de setores como a indústria e a construção, mas mantendo-se entre os dez com maior incidência. O peso do setor na sinistralidade nacional demonstra a exposição a riscos físicos e operacionais específicos, o que sublinha a importância de avaliar não apenas o número total de ocorrências, mas também a gravidade e mortalidade associadas.



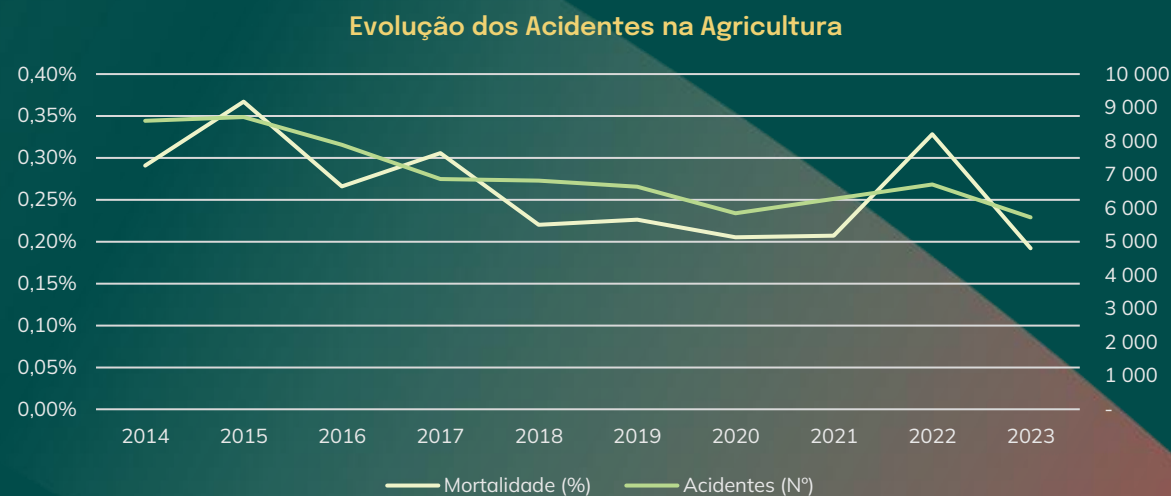
Acidentes Agrícolas: Baixa Incidência, Alta Letalidade



Apesar de representar apenas 3% do total de acidentes de trabalho em 2023, a agricultura apresenta uma das taxas de mortalidade mais elevadas, com 0,19% dos acidentes a resultarem em morte. Esta tendência é recorrente ao longo da última década, demonstrando que, embora o número total de ocorrências tenha diminuído, a gravidade dos acidentes permanece elevada, superando setores como o comércio ou a indústria transformadora.



A agricultura distingue-se como um setor onde os acidentes tendem a ser mais graves, refletindo a exposição a riscos elevados, como o trabalho com maquinaria pesada e, muitas vezes, em contextos rurais isolados e com menores condições de segurança. Portugal mantém-se entre os países europeus com maior sinistralidade relacionada com tratores.



Entre 2014 e 2023, observa-se uma trajetória descendente no número de acidentes agrícolas, acompanhada por flutuações na taxa de mortalidade, com picos em anos específicos (2016, 2018 e 2022). Embora não apresente o maior volume total de sinistros no país, os dados indicam que é dos setores com maior letalidade, o que poderá significar que o risco letal no trabalho agrícola não depende apenas do volume de acidentes, mas da natureza das tarefas e das condições em que são executadas.

Caso de Estudo

CAP: Confederação dos Agricultores de Portugal

A CAP – Confederação dos Agricultores de Portugal é a principal entidade representativa do setor agrícola, reunindo agricultores e organizações do setor num papel de intervenção institucional e técnica. A sua equipa — maioritariamente composta por perfis qualificados — acompanha de perto os desafios operacionais das explorações, incluindo segurança e condições de trabalho. Esta posição central confere-lhe uma visão abrangente sobre os principais riscos, necessidades de formação e tendências de sinistralidade no setor agrícola nacional.



CAP 50 ANOS
AGRICULTORES
DE PORTUGAL

Posição e Medidas (Segurança do Trabalho Agrícola)

Acidentes mais críticos: capotamentos de tratores, quedas, esmagamentos e cortes; maior risco entre trabalhadores com menor formação, sazonais e mais envelhecidos.

Redução recente da sinistralidade graças à mecanização, formação obrigatória (COTS) e campanhas de sensibilização.

Desafios persistentes: barreiras linguísticas, sazonalidade e necessidade de materiais de formação simples e multilingue.

A CAP antecipa maior foco em formação adaptada a equipas multiculturais e crescente exigência regulatória. Defende prioridade nacional na renovação do parque de tratores e na intensificação de campanhas específicas de prevenção.

Caso de Estudo

CONFAGRI

A CONFAGRI representa cooperativas agrícolas e milhares de agricultores em todo o país. A sua intervenção técnica e formativa dá-lhe uma visão central sobre a segurança no trabalho agrícola e os principais riscos operacionais nas explorações agrícolas.



Posição e Medidas (Sinistralidade no Setor Agrícola)

A idade avançada de grande parte dos agricultores, o cansaço em períodos de trabalho intensivo e o excesso de confiança na operação de máquinas aumentam significativamente o risco de acidente.

Mais de 50% dos tratores não têm estruturas de proteção (arcos ou cabines), aumentando drasticamente a gravidade dos acidentes com capotamento.

A CONFAGRI tem conduzido centenas de ações de formação: 1.028 ações COTS (15.420 formandos) e 346 formações Produtos fitofarmacêuticos (5.500 formandos), reforçando competências de operação segura e redução de risco.

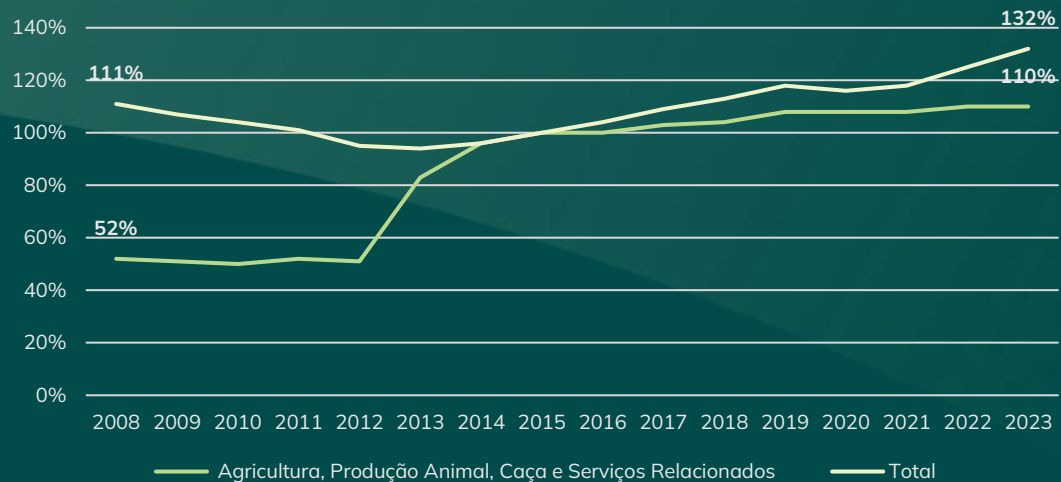
Desafios linguísticos e falta de experiência em práticas agrícolas exigem mais apoio, conteúdos práticos e formação multilíngue para garantir cumprimento das regras de segurança.

A CONFAGRI considera que a redução da sinistralidade agrícola exige foco contínuo em formação prática, melhoria das condições técnicas dos tratores e campanhas de sensibilização de proximidade. A confederação defende uma ação urgente para garantir estruturas de proteção em todos os tratores e reforço da capacitação de operadores, incluindo trabalhadores estrangeiros.

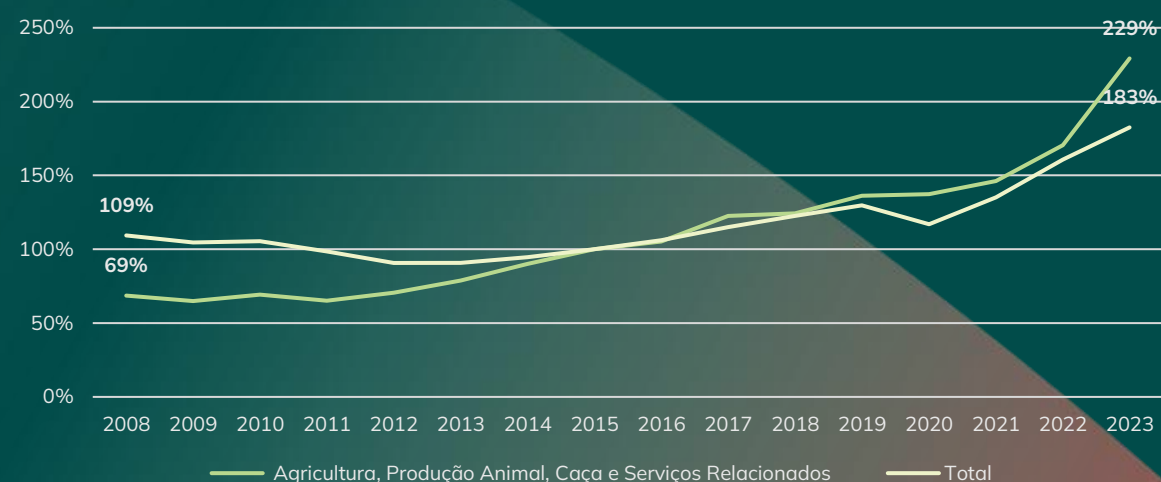
05 Produtividade do Trabalho

A Agricultura Cresce Com Menos Trabalho

Evolução do Pessoal ao Serviço



Evolução do VAB



Entre 2008 e 2023, o emprego agrícola registou uma trajetória de recuperação gradual, sobretudo após 2013, invertendo a tendência de declínio verificada nas décadas anteriores. Este crescimento acompanha a reorganização estrutural do setor, com o reforço de mão-de-obra assalariada e estrangeira, necessária para sustentar a expansão de culturas intensivas e a especialização das explorações. Ainda assim, o aumento do emprego foi moderado face ao ritmo de crescimento da produção, sinalizando uma otimização do uso da força de trabalho.

Em contraste, o VAB agrícola registou um crescimento muito superior, duplicando desde 2015 e ultrapassando a média nacional. Esta diferença face ao emprego traduz um salto significativo de produtividade, impulsionado pela modernização, mecanização e gestão empresarial orientada para o valor. Assim, a agricultura portuguesa gera hoje mais riqueza com menos trabalhadores, afirmando-se como um setor mais eficiente e competitivo, sustentado em fileiras de maior especialização e valor acrescentado.

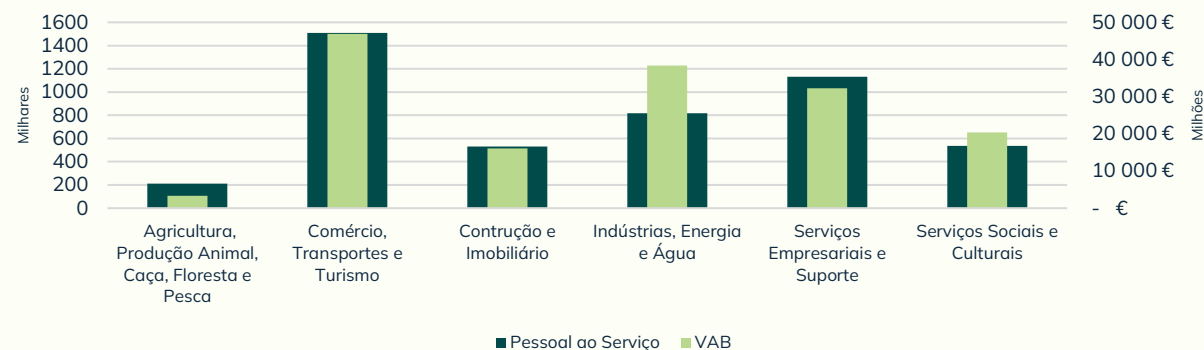
Agricultura Produz Mais Com Menos

Em 2023, o setor agrícola demonstrou uma elevada capacidade de otimização, gerando um VAB de 3.362 milhões de euros com uma base laboral de 211,5 mil trabalhadores. Quando comparado com o total nacional de 4,7 milhões de pessoas ao serviço e um VAB global de 147 mil milhões de euros, o setor destaca-se por produzir valor significativo com um peso reduzido no emprego total. Esta dinâmica é sustentada pela modernização tecnológica e pela mecanização, que permitem elevar a produtividade sem a necessidade de aumentar proporcionalmente a mão-de-obra.

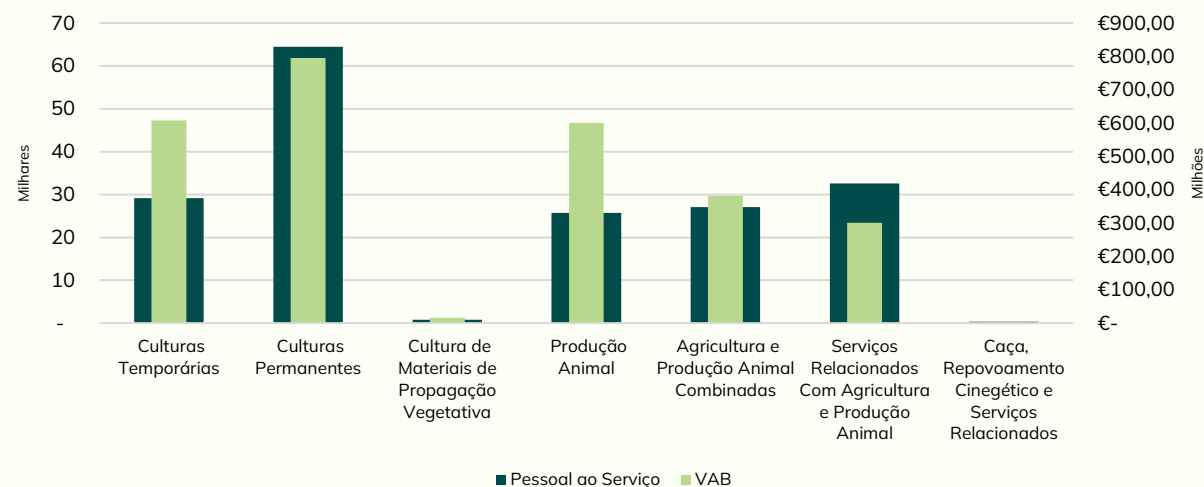
As culturas permanentes e temporárias concentram o maior volume de emprego e de VAB, evidenciando o dinamismo das fileiras frutícolas, olivícolas e hortícolas. Já as atividades de serviços agrícolas e a produção animal registam menor intensidade laboral, mas maior eficiência produtiva por trabalhador. Estas diferenças refletem uma estrutura agrícola diversificada e tecnológica, onde a especialização e o investimento elevam o valor criado sem aumentar proporcionalmente a mão-de-obra.



Pessoal ao Serviço e VAB 2023



Pessoal ao Serviço e VAB nos Setores Agrícolas 2023



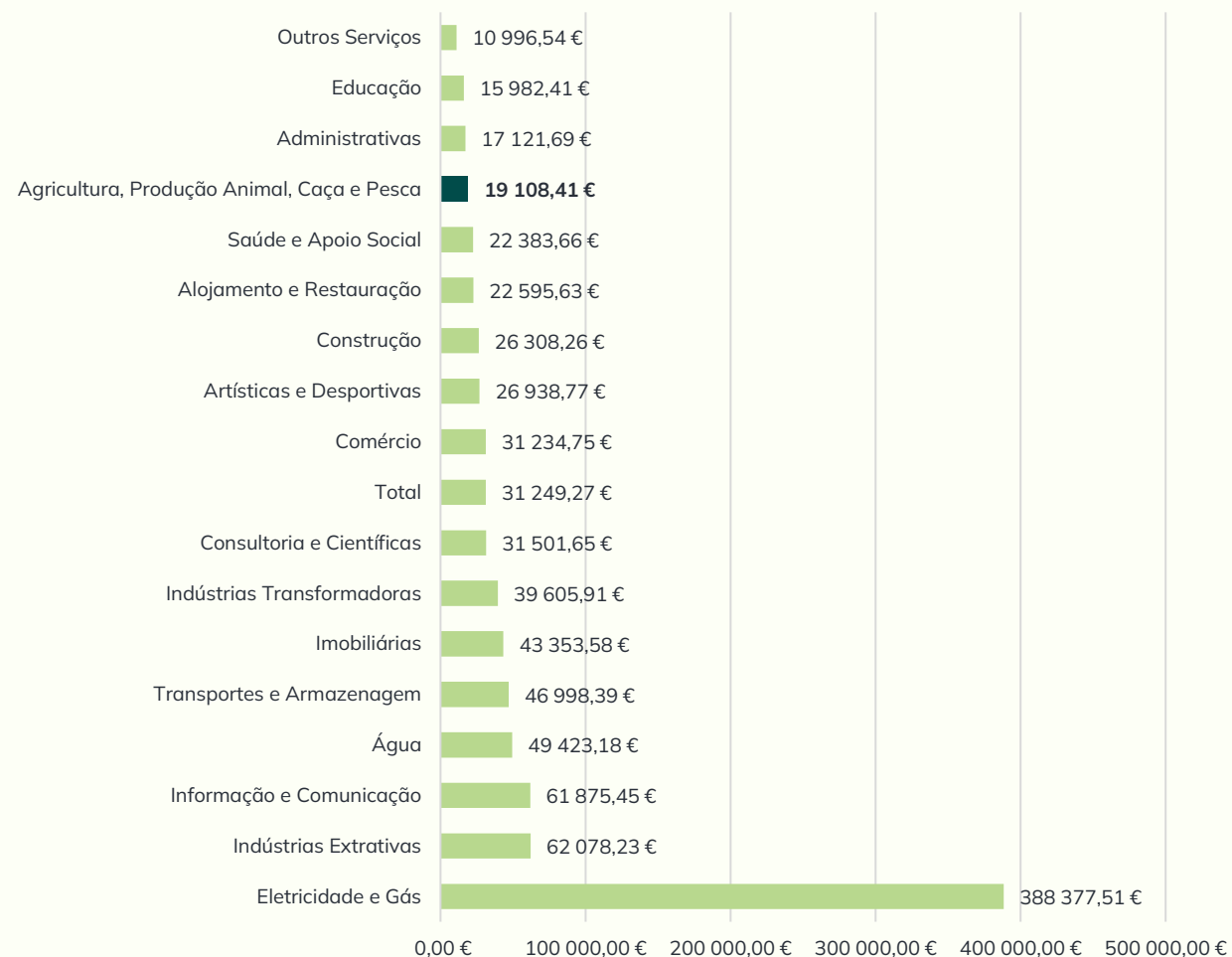
Assimetrias e Especialização Setorial

Em 2023, a produtividade aparente do trabalho na agricultura situou-se em torno de 19.100 €/trabalhador, um valor inferior à média nacional (31.200 €) e distante dos setores de maior intensidade tecnológica e capital, como a energia, indústria extrativa ou transportes. Este desempenho reflete a elevada intensidade de mão-de-obra e o peso do trabalho sazonal e familiar, que tendem a reduzir a produtividade média. Ainda assim, como visto anteriormente, o valor agrícola evidencia melhorias estruturais face à última década, sustentadas pela mecanização, gestão empresarial e especialização de fileiras.

Dentro da agricultura, a produtividade apresenta fortes assimetrias. Atividades como a avicultura, suinicultura e olivicultura destacam-se por valores elevados, associados a maior escala de produção, mecanização e eficiência tecnológica. Pelo contrário, setores como a cultura de plantas têxteis ou de especiarias registam produtividades mais baixas, refletindo a baixa rentabilidade, pequena dimensão económica e elevado custo de trabalho por unidade de produto. Esta dualidade evidencia uma agricultura a duas velocidades, em que coexistem fileiras altamente competitivas e mecanizadas com outras de carácter extensivo e tradicional, com impacto direto na média global da produtividade agrícola.



Produtividade Aparente do Trabalho nos Vários Setores 2023

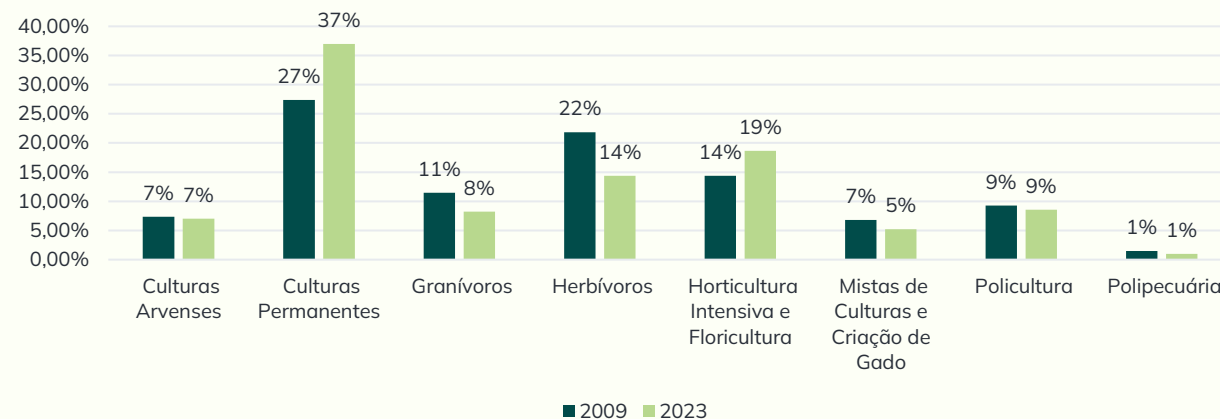


Mecanização Reduz Necessidade de Trabalho

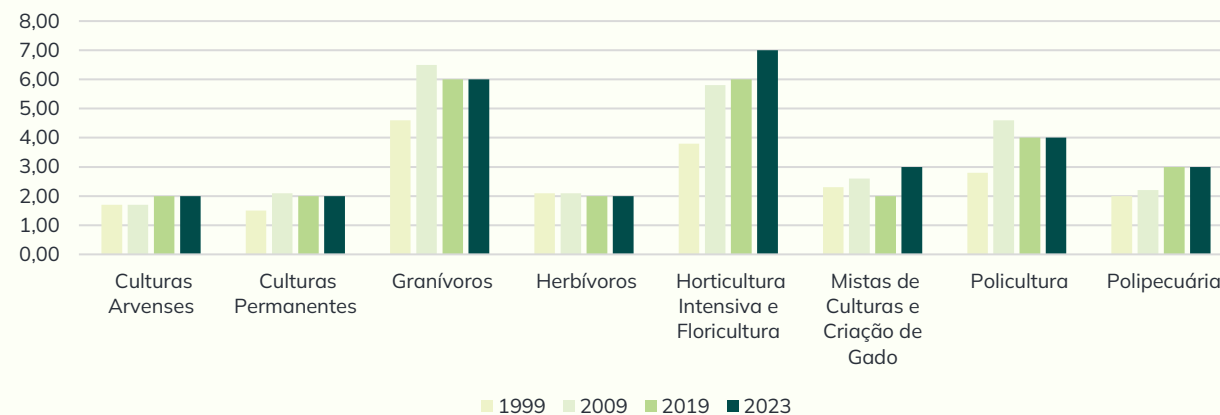
A estrutura do volume de trabalho agrícola sofreu uma transformação profunda entre 1989 e 2023, refletindo a mudança tecnológica e organizacional do setor. As culturas arvenses e permanentes reduziram o seu peso relativo, consequência direta da mecanização crescente e da introdução de sistemas de produção mais eficientes, como o olival moderno e os cereais de larga escala. Em contrapartida, setores mais intensivos em trabalho, como a horticultura e floricultura, aumentaram significativamente a sua representatividade, acompanhando a especialização e diversificação da produção agrícola, com maior enfoque em fileiras de valor acrescentado e orientação exportadora.

A análise da evolução do volume de trabalho por orientação técnico-económica confirma esta reorganização estrutural. As explorações associadas a culturas intensivas — hortícolas, pequenos frutos e florícolas — apresentam os maiores volumes de trabalho por exploração, refletindo a necessidade de mão-de-obra especializada e contínua. Em sentido oposto, setores como os cereais, os granívoros e parte da produção animal revelam estagnação ou ligeiro decréscimo, traduzindo o impacto da mecanização e da automatização dos processos produtivos. Este padrão evidencia a transição de uma agricultura baseada em trabalho extensivo para um modelo tecnologicamente avançado e profissionalizado, onde o fator humano assume um papel mais qualificado e estratégico na criação de valor.

Evolução do Volume de Trabalho Total Por Setor Agrícola



Evolução do Volume de Trabalho (UTA) Por Exploração Por Setor Agrícola



Caso de Estudo

Veracruz

A Veracruz é um projeto agroindustrial com sede na Beira Baixa, que integra toda a cadeia de valor — da produção agrícola ao produto final — e presença comercial em mais de 15 países. Com 1.300 ha de amendoal moderno e práticas de agricultura regenerativa, combina tecnologia de ponta, equipas multidisciplinares e uma estrutura profissionalizada para responder aos desafios do trabalho agrícola.



Posição e Medidas (Transformação do Perfil do Trabalhador)

A empresa opera com cerca de 50 trabalhadores permanentes, distribuídos entre campo, indústria e áreas técnico-corporativas, integrando várias nacionalidades e especializações.

Modelo de desenvolvimento contínuo baseado em formação, feedback semestral, indicadores de desempenho e remuneração variável, essencial para atrair e reter talento agrícola.

Integra novas funções laborais como piloto de drones, programadores e analistas de imagens; a digitalização do campo exige maior literacia digital e competências técnicas.

Sistemas avançados substituem inspeções manuais (ex.: monitorização de insetos, deteção de ruturas no regadio), reduzindo percursos físicos e aumentando a eficiência operacional.

Num contexto de envelhecimento e escassez de mão-de-obra, a empresa antecipa maior automação, equipas mais qualificadas e evolução do trabalhador agrícola para funções de operação tecnológica e análise de dados.

A Veracruz prevê que o trabalhador agrícola evolua para um perfil mais técnico e digital, acompanhando o avanço da IA, sensores e robótica. A empresa espera reforçar a formação contínua e integrar competências especializadas para manter competitividade num setor cada vez mais exigente e tecnologicamente avançado.

06 Principais Conclusões



Resumo dos Dados Anteriores

Substituição Gradual da Mão-de-Obra Familiar Por Modelos Empresariais

25% das empresas com média ou grande dimensão.

Trabalho Agrícola Mais Eficiente

Produtividade agrícola cresceu 277% em 30 anos.

Redução dos Empregados Totais, Mas Aumento dos Remunerados

Emprego remunerado cresceu 9%, enquanto o total de trabalhadores caiu 14,6%.

Envelhecimento Acentuado da Mão-de-Obra Familiar

Idade média dos trabalhadores agrícolas aumentou de 46 para 59 anos.

Aumento da Dependência de Mão-de-Obra Estrangeira

4 em cada 10 trabalhadores agrícolas são estrangeiros.

Trabalhadores Estrangeiros Mais Qualificados Que Portugueses

7,5% dos trabalhadores estrangeiros têm ensino superior, face a 2,7% dos nacionais.

Agricultura Aumenta Competitividade Salarial

Salários agrícolas cresceram mais de 50% em dez anos.

Mais Trabalhadores, Menos Acidentes

Acidentes na agricultura caíram 20% apesar do aumento de emprego.

Conclusões – Transformações Estruturais

A agricultura portuguesa atravessou, nas últimas décadas, uma transformação estrutural profunda, marcada por menos trabalhadores, maior profissionalização e um salto significativo de produtividade. A combinação entre mecanização, reorganização empresarial e integração crescente de mão-de-obra estrangeira redesenhou completamente o mercado de trabalho agrícola.

Da Agricultura Familiar Para Um Modelo Empresarial

O setor deixou de assentar predominantemente na mão-de-obra familiar, envelhecida, em declínio e sem renovação, e passou a operar com estruturas empresariais mais robustas, vínculos formais e serviços especializados. Esta mudança permitiu ganhos de escala, maior previsibilidade operacional e uma clara evolução para práticas de gestão mais modernas.

Dependência Estrutural de Mão-de-Obra Estrangeira

O setor tornou-se o mais dependente de trabalhadores estrangeiros, que hoje representam mais de 40% da força laboral agrícola. Esta dependência responde à escassez nacional e sustenta culturas intensivas, campanhas sazonais e operações contínuas. Importa notar que os trabalhadores estrangeiros têm, em média, maior escolaridade que os nacionais, introduzindo competências relevantes para a modernização do setor.

Produtividade Cresce Muito Acima do Emprego

Apesar da redução das unidades de trabalho anuais e da estabilização moderada do emprego, o valor criado pelo setor aumentou significativamente. A produção tornou-se mais eficiente, fruto da mecanização, da irrigação, da especialização das fileiras e da otimização do trabalho. Hoje, menos trabalhadores geram mais valor, um sinal claro de maturidade e competitividade crescentes.

Condições Mais Reguladas e Salários em Convergência

Os salários agrícolas cresceram cerca de 50% na última década, acima da média nacional, refletindo maior pressão competitiva e necessidade de atrair trabalhadores. Ainda assim, permanecem entre os mais baixos da economia. As horas de trabalho tornaram-se mais estáveis e os acidentes diminuíram, embora com gravidade elevada, exigindo reforço da formação e da segurança operacional.

Divergências Territoriais: Uma Agricultura Duas Velocidades

A evolução do trabalho agrícola não é homogênea no território nacional. O Alentejo evidencia uma agricultura de grande escala, mecanizada e pouco intensiva em trabalho. Regiões como o Algarve, o Oeste ou o Entre Douro e Minho apresentam modelos mais intensivos e de elevado valor por hectare. As zonas de minifúndio mantêm estruturas produtivas tradicionais e níveis de produtividade mais reduzidos.

Modernização, Digitalização e Novas Competências

O perfil do trabalhador agrícola está a evoluir: exige-se maior capacidade técnica, literacia digital e interação com maquinaria, dados e tecnologia. A agricultura aproxima-se rapidamente de indústrias mais tecnológicas, pressionando o setor a investir em formação contínua e reconversão de competências.

Conclusões – Riscos, Desafios e Oportunidades

A agricultura portuguesa produz hoje mais valor com menos trabalho, sustentada pela modernização, pela profissionalização e pela integração de trabalhadores estrangeiros. A evolução do trabalho no setor revela um setor mais eficiente e competitivo, mas também estruturalmente dependente de novas competências, de políticas migratórias estáveis e de investimento contínuo em formação e tecnologia. O futuro da agricultura portuguesa dependerá da capacidade de atrair talento, profissionalizar equipas e integrar tecnologia, garantindo simultaneamente a sustentabilidade social e territorial do setor.

Riscos Identificados

Envelhecimento Crítico e Escassez de
Mão-de-Obra Nacional

Assimetria de Qualificações Entre Trabalhadores
Portugueses e Estrangeiros.

Letalidade Elevada Apesar de
Redução de Acidentes

Pressão Crescente Por Competências
Tecnológicas e Digitais



Oportunidades Estratégicas

Formação Técnica, Certificação
e Atração de Jovens

Políticas Migratórias Estáveis
e Integração Estruturada

Modernização Tecnológica e
Profissionalização Contínua

07 Tendências Futuras

Algumas Tendências a Acompanhar nos Próximos Anos

Automação das Tarefas Repetitivas

Colheita, pulverização, podas e operações de rotina tornam-se na sua maioria automatizadas, reduzindo a necessidade de trabalho manual.

Dependência Estrutural de Mão-de-Obra Estrangeira

A escassez de mão-de-obra nacional intensifica a imigração como principal fonte de trabalho em culturas de elevada intensidade laboral.

Agricultor Torna-se Operador Tecnológico

O perfil agrícola evolui para funções de gestão digital, análise de dados, operação de robótica e supervisão de sistemas inteligentes.

IA Como Núcleo da Decisão Agrícola

Ferramentas de apoio à decisão tornam-se padrão, deslocando o valor económico e o aumento de compensação salarial para a interpretação estratégica de dados e decisão eficiente.

Expansão dos Serviços Agrícolas Tecnológicos

A externalização de operações, drones, robôs, sensores, manutenção, torna-se dominante, substituindo maquinaria própria, devido à especificação das empresas de prestação de serviços agrícolas.

Setor Mais Eficiência e Interdependente

As explorações passam a estar no centro de uma teia de serviços especializados prestados por terceiros, deixando de funcionar isoladamente e integrando-se num ecossistema profissionalizado e interdependente.

Défice Crescente de Competências Digitais

A tecnologia avança mais rápido do que a capacidade de formação, exigindo requalificação contínua e perfis técnicos especializados.



Potenciais Cenários Futuros



Cenário Business As Usual

Continuação da Redução do Trabalho Familiar
Estabilização do Emprego Total Via Imigração
Crescimento Moderado da Produtividade
Maior Externalização de Serviços



Cenário Ameaça

Se Não Houver
Requalificação dos Trabalhadores
Política Migratória Estável
Renovação Geracional

Poderemos Assistir a
Escassez Crítica de Mão-de-obra
Aumento de Custos Laborais
Redução de Competitividade
Maior Dependência Alimentar Externa



Cenário Oportunidade

Se Houver Investimento Coordenado Em
Formação Técnica Agrícola
Certificação de Competências
Integração Estruturada de Imigrantes
Renovação ou Revolução Tecnológica

Portugal Pode
Aumentar a Produtividade Para Níveis Próximos da Média Nacional
Atrair Mais Jovens Formados em Agricultura, e Não Só
Criar Emprego Qualificado no Meio Rural

08 Recomendações

Empresas

Desenvolvimento de Competências

Criar mapas de competências detalhados e formar trabalhadores em operação de máquinas, segurança e manutenção preventiva.

Planeamento de Necessidades de MO e Parcerias

Planeamento anual partilhado e parcerias entre produtores para otimizar janelas de trabalho e organização da mão-de-obra temporária.

Automação e Segurança

Implementar automação parcial e programas formais de segurança com ferramentas multilíngues e formação focada no risco, como um Programa de Segurança “Zero Acidentes Graves”.

Valorização do Trabalhador

Alojamento digno, transporte eficiente, progressão por competências, incentivos à produtividade e maior estabilidade contratual.

Políticas Públicas

Canal Migratório

Criação de um canal migratório transparente e multianual com acordos bilaterais para garantir previsibilidade às empresas.

Programa Nacional de Qualificações

Formação orientada para operação de máquinas, segurança, literacia digital e domínio funcional da língua portuguesa no trabalho.

Renovação e Segurança do Parque de Máquinas

Incentivos para renovação de máquinas, com foco em segurança ativa e passiva, manutenção preventiva e inspeções simplificadas.

Políticas Regionais Diferenciadas

Políticas adaptadas às realidades intensivas ou extensivas para equilibrar investimento público e necessidades produtivas.

Setor Agrícola

Plataformas Regionais de Mão-de-obra

Plataformas regionais facilitam a partilha de mão-de-obra, mitigando a sazonalidade e otimizando a distribuição de trabalhadores agrícolas.

Catálogo Nacional de Serviços Tecnológicos

Plataforma (Marketplace Técnico) que lista, organiza e normaliza todos os serviços tecnológicos disponíveis para as explorações agrícolas, oferecidos por empresas especializadas, centros de competência, prestadores de serviços e start-ups.

Conteúdos Formativos Multilingues

Conteúdos práticos e visuais facilitam a integração e a qualificação rápida de trabalhadores estrangeiros no setor agrícola.

Padrões e Certificação Técnica

Associações definem padrões operacionais e mecanismos de certificação para elevar o nível técnico do setor agrícola.



Evolução do Trabalho na Agricultura em Portugal

Este estudo analisa a evolução do trabalho na agricultura em Portugal, evidenciando uma transformação estrutural do agribusiness marcada pela redução do volume de trabalho, maior profissionalização, forte crescimento da produtividade e crescente necessidade de competências qualificadas e de mão-de-obra estrangeira. A análise revela um setor mais eficiente e orientado para a criação de valor, mas confrontado com desafios estruturais ao nível da qualificação, renovação geracional, sustentabilidade social e diferenciação territorial.

A CONSULAI é uma consultora especializada em agribusiness que apoia organizações, empresas e territórios na interpretação destas dinâmicas e na definição de respostas estratégicas em contextos de elevada complexidade. Atua ao longo de toda a cadeia de valor, integrando estratégia, investimento, inovação, sustentabilidade e comunicação, com impacto económico, ambiental e social. Este estudo reflete a abordagem da CONSULAI ao agribusiness, rigor analítico, decisão baseada em dados e visão estratégica ao serviço da transformação sustentável do setor.

Desenvolvido Pela Área de Research da CONSULAI: Pompeu Pais Dias, Samuel Santos e Lourenço Carvalho

www.consulai.com